



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

JOSÉ NHAGA

**SOCIABILIDADES, CONFLITOS E ADAPTAÇÕES ENTRE ESTUDANTES DO
COLÉGIO AGRÍCOLA VIDAL DE NEGREIROS (CAVN),
EM BANANEIRAS - PB**

**CAMPINA GRANDE-PB
2014**

JOSÉ NHAGA

**SOCIABILIDADES, CONFLITOS E ADAPTAÇÕES ENTRE ESTUDANTES DO
COLÉGIO AGRÍCOLA VIDAL DE NEGREIROS (CAVN),
EM BANANEIRAS - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Vanderlan Francisco Silva

CAMPINA GRANDE-PB
2014



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPG

N576s Nhaga, José.
Sociabilidade, conflitos e adaptações entre estudantes do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), em Bananeiras - PB / José Nhaga. – Campina Grande, 2014.
79 f.: color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco Silva".
Referências.

1. Cultura. 2. Identidade Cultural. 3. Diversidade. 4. Sociabilidade.
I. Silva, Vanderlan Francisco. II. Título.

CDU 304.2(043)

JOSÉ NHAGA

**SOCIABILIDADES, CONFLITOS E ADAPTAÇÕES ENTRE ESTUDANTES DO
COLÉGIO AGRÍCOLA VIDAL DE NEGREIROS (CAVN),
EM BANANEIRAS - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: ____ / ____ /2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vanderlan Francisco Silva
Orientador (PPGCS-UFCG)

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior
Examinador Interno Titular (PPGCS-UFCG)

Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota
Examinador Interno Titular (PPGCS-UFCG)

Prof. Dra. Hilderline Câmara Oliveira
Examinadora Externa Titular (PPGA - UNP)

Prof. Dr. Rogério Humberto Zeferino
Examinador Interno Suplente (PPGA-UNP)

Prof. Dr. Edmilson Lopes Júnior
Examinador Externo Suplente (PPGCS-UFRN)

CAMPINA GRANDE, AGOSTO DE 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças, determinação e virtudes para a realização deste trabalho de dissertação que fez parte dos meus objetivos alcançados ao longo do curso.

Ao Professor Dr. Vanderlan Francisco Silva, pela orientação firme e, ao mesmo tempo, aberta às minhas colocações sobre o referido assunto, e pela presença nas horas difíceis, na construção da dissertação.

A minha mãe, Isabel, pelo carinho, amor e dedicação e, sobretudo, pelo exemplo de vida. Ao meu pai, Armando, pelo amor, pelo apoio moral e por demonstrar que mesmo os momentos mais difíceis podem ser superados com serenidade e bom humor.

Aos meus irmãos e irmãs, por serem o que são; pelo carinho que sentem por mim e pelo apoio que me deram durante essa trajetória longe de casa.

A minha esposa, Edna Maria, e a minha filha Lavínia, que estão comigo em todos os momentos, apoiando-me e incentivando-me, mostrando-me que tudo é possível. Basta acreditar.

A todos os professores de quem tive a oportunidade e o privilégio de receber um pouco de seus conhecimentos, notadamente o Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior e o Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota, pela presença desde a qualificação do projeto, por aceitarem o convite para fazer parte da banca de defesa da dissertação e também por suas contribuições na minha vida profissional, pelo carinho, respeito e atenção. Assim como outros professores das outras áreas, na pessoa do professor Suénio, da UFCG, professor Helio de Elibereta, professor Kilder, professor Eduardo Jorge e professor Rodrigo Ronelli Duarte de Andrade, da UFPB - Bananeiras.

Pessoas pelas quais tenho respeito e admiração, sempre se mostrando à disposição para com meu aprendizado acadêmico, em especial e com muito carinho. Pessoas generosas, pelas quais tenho respeito e admiração, por suas contribuições no somatório do ensinamento direcionado para o bem estar do meu aprendizado acadêmico, bem como para o curso de Mestrado em Ciências Sociais da UFCG - Universidade Federal de Campina Grande.

Meus agradecimentos se direcionam aos professores que foram citados e também para os funcionários da Secretaria do PPGCS, pelos ensinamentos e pela troca de conhecimentos e amizades.

Em especial, gostaria de agradecer aos meus amigos de sala de aula, Banjaqui Nhaga, Leonel Parreira Quadé, Nelson Djú, e Sambú, que travaram essa batalha juntamente comigo, em especial, meu primo irmão, Viriato João Lopes Nhanca, Feliciano, Eline e Rontand Melo, que me deram suporte nas correções do português. E também, aos colegas que fizeram parte dessa luta comigo, bem como aos demais que contribuíram direta ou indiretamente para esta conquista. Aceitem meus sinceros agradecimentos por tudo o que vocês fizeram por mim. Que Deus abençoe todos vocês, por seus corações tão bondosos e grandiosos.

Meus agradecimentos a todos os funcionários da Secretaria da Direção do CAVN, que contribuíram para que esta pesquisa se tornasse melhor, por terem acesso às fichas dos alunos matriculados nos anos de 2013 e 2014.

Obrigado por tudo e a todos que contribuíram de forma direta e indireta para a conquista deste objetivo. As provações foram muitas, as privações e necessidades também, mas vocês sempre estiveram comigo, dando-me força para superar os obstáculos, para que jamais desistisse dessa caminhada em busca dessa conquista.

Muito obrigado!

Dedico esta escrita às pessoas com as quais dialoguei ao longo desta pesquisa: àquele grupo de estudantes do CAVN. Com eles, aprendi a compreender que as dificuldades existem em qualquer aspecto social, mas, com a determinação e coragem de enfrentá-las, podemos superá-las e atingir os objetivos e as metas definidas.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar e compreender as formas de conflito e adaptação e outras sociabilidades vivenciadas pelos estudantes do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), em Bananeiras-PB. Procurou-se caracterizar a origem social e geográfica dos jovens alunos do CAVN; identificar as manifestações culturais entre os jovens alunos; as suas diferenças com as outras pessoas estranhas e como se relacionam no dia-a-dia da instituição escolar. Para isso, partimos da constatação de diferenças existentes entre alunos que vieram da zona rural e aqueles oriundos da zona urbana, bem como das diferenças entre aqueles que são da mesorregião do brejo paraibano e os oriundos do sertão paraibano ou de outros estados da federação. O grupo observado foi composto por estudantes no CAVN, na faixa etária de 14 a 23 anos, que buscam oportunidades de formação profissional nas áreas técnicas. Metodologicamente, realizou-se pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, através da catalogação de fichas individuais, observação do cotidiano e realização de entrevistas. Na análise qualitativa, fizemos uso das teorias de Elias (2000), Simmel (2005; 2006), Bourdieu (2001; 2005; 2006) e Goffman (1980; 1988). Na conclusão, afirmamos que os jovens conseguem conviver com novas alternativas encontradas no dia-a-dia do CAVN de maneira paradoxal, com reações e aceitações das novas condições de interação. As relações estabelecidas durante o tempo de permanência dos estudantes no ano escolar se fazem em meio a regras institucionais e descumprimentos das mesmas; em meio a conflitos das mais variadas ordens, individuais e coletivos, e essas experiências são importantes para o processo de formação dos jovens cidadãos.

Palavras-Chave: Cultura. Identidade cultural. Diversidade. Sociabilidade.

ABSTRACT

This research work aims at analyzing and understanding the forms of conflicts and adaptation as well as sociability experienced by students Vidal de Negreiros Agricultural School (CAVN) in Bananeiras-PB. One tried to feature both social and geographical origin of young students from CAVN, to identify the cultural manifestations of those students, their differences toward strange people, and how they interact during the daily school activities. Thus, we have taken into account the finding of existent differences between students from countryside and those from the city, as well as the differences among students who are from mesoregion Paraiba swamp, those from the interior of Paraiba state, and other states of Brazil. The observed group was comprised by students aged between 14 and 23 years old, who seek opportunities of professional qualification in technical fields. The research methodology was carried out by utilizing both qualitative and quantitative procedures through cataloging of individual records, observation of everyday activities and interviews. In the qualitative analysis, the theories of Elias, Simmel, Bourdieu and Goffman have been utilized. Regarding conclusions, it has been asserted that young people can live together with new alternatives found within CAVN daily activities in a paradoxical way with reactions and acceptance of new conditions of interaction. The relation interactions established during a period of students' permanence in a school year occur in a context of institutional rules and their noncompliance within a context of conflicts of several sorts, such as individual and the whole group. These experiences are important to the development process of young citizens.

Keywords: Culture. Cultural Identity. Diversity. Sociability.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Foto panorâmica do câmpus do CAVN-UFPB (Bananeiras-PB)	20
FIGURA 02	Foto da Secretaria do CAVN	21
FIGURA 03	Momentos do “banho de fera” no dia do aniversário do aluno (2014)	46
FIGURA 04	“Banho de feras” na piscina, aplicado aos novatos de 2014	46
FIGURA 05	Aula prática no laboratório de fitoplâncton e zooplâncton	52
FIGURA 06	Caprinocultura	52
FIGURA 07	Suinocultura	53
FIGURA 08	Avicultura	53
FIGURA 09	Piscicultura (I)	54
FIGURA 10	Piscicultura (II)	54
FIGURA 11	Bovinocultura	55
FIGURA 12	Estudantes do CAVN participando de um campeonato interescolar	62
FIGURA 13	I Gincana Recreativa com os Alunos Novatos de 2014 do CAVN, realizada pela Coordenação de Esportes com o apoio do Grêmio Estudantil	62

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADRO 01	Cidades, regiões e situação residencial dos alunos entrevistados ...	38
GRÁFICO 01	Número de alunos por faixa etária no ano letivo de 2013	56
GRÁFICO 02	Número de alunos por cidade de origem no ano letivo de 2013	58
GRÁFICO 03	Situação residencial dos alunos no ano letivo de 2013	59

LISTA DE SIGLAS

CAVN	Colégio Agrícola Vidal de Negreiros
CCHSA	Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias
PEC-G	Programa de Estudantes Convênio de Graduação
PPGCS	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. JUVENTUDE, SOCIABILIDADE E CULTURA	18
2.1 O lócus da pesquisa: O Colégio Agrícola Vidal de Negreiros	18
2.2 Discussões sobre juventude	21
2.3 Impactos culturais na chegada dos alunos ao CAVN	23
2.4 Encontros e rotinas dos jovens estudantes	30
2.5 A convivência dos jovens estudantes no meio acadêmico	32
3. A DESCOBERTA DO NOVO MUNDO ACADÊMICO	34
3.1 A demonstração das origens sociais e a situação geográfica dos alunos	34
3.2 O processo seletivo: técnicas de avaliação para os novos residentes	37
3.3 Fases de adaptação e convivência dos jovens estudantes do CAVN	42
3.4 Os rituais de iniciação nesse novo campo social (trotes, festas, atos de acolhimento)	43
3.5 Causas de evasão nos cursos profissionalizantes	47
3.6 As perspectivas da vida acadêmica durante a jornada estudantil para o mercado de trabalho dos jovens que concluíram o curso profissionalizante.....	49
4. SOLIDÃO DEPOIS DO INGRESSO NO COLÉGIO	61
4.1 As atividades lúdicas realizadas nesse novo espaço	61
4.2 Convivência com a saudade de casa e controle das emoções de tristeza e alegria	64
4.3 O distanciamento da família e dos amigos	67
4.4 Momentos de superação e o enfrentamento de novos desafios acadêmicos.....	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE	79

1. INTRODUÇÃO

À semelhança de Pierre Bourdieu (2005), que, na obra *Esboço de autoanálise*, adota a sua trajetória como objeto de reflexão, contendo-se em suas cogitações, também optei por iniciar esta dissertação falando um pouco de mim, sobretudo da minha trajetória e experiência estudantil no Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), que constitui o campo de investigação desta pesquisa. Esta apresentação da minha pessoa é também uma forma de os leitores saberem quem escreve e de qual lugar e origem.

Vindo da Guiné-Bissau, um país da costa ocidental da África, com uma população de um milhão e meio de pessoas, cheguei ao Brasil em março de 2006, com o intuito de fazer o curso superior em Administração Empresarial na UFPB, no câmpus de Bananeiras, na Paraíba, através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), que oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais.

Enfrentei diversas dificuldades assim que cheguei à cidade de Bananeiras para estudar. Beneficiados pelo convênio firmado com a UFPB, vieram outros estudantes da Guiné-Bissau, que cursaram a graduação no câmpus I, situado na cidade de João Pessoa. Apenas eu vim estudar em Bananeiras. No início, por não conhecer ninguém e não ter amigos, passei pelos piores momentos de solidão da minha vida fora de casa, pois o Brasil, para mim, era um país estranho.

Nesse momento de choque cultural, sem a companhia de amigos e morando sozinho, todo final de semana eu viajava para João Pessoa para encontrar os meus compatriotas e tentar superar a solidão. Entretanto, chegou um momento no qual não consegui mais me deslocar para João Pessoa a fim de visitar meus amigos, devido à situação financeira.

Assim, comecei a me relacionar de forma mais intensa com os colegas da turma e da residência universitária, fazendo novos amigos para minimizar a solidão. Mesmo assim, ainda continuei passando por difíceis conflitos dentro da própria residência universitária, gerados por problemas sociais e culturais. Havia ainda os problemas financeiros que, assim como eu, muitos estudantes tinham e têm para se manter estudando longe de casa, já que os seus familiares dispõem de poucos recursos.

Além disso, o clima da cidade era bastante diferente daquele a que eu estava acostumado. A cidade de Bananeiras está situada no brejo paraibano, com clima ameno e alta umidade, o que levou a outro processo de adaptação, pois Guiné-Bissau tem clima tropical caracteristicamente quente e úmido, possuindo duas estações: a chuvosa e a quente, seca e

fresca. Até hoje, não consegui me adaptar completamente ao frio da cidade de Bananeiras, apesar de já ter melhorado bastante.

Dessa forma, inicialmente foi muito difícil me adaptar à cidade, adequar-me e me relacionar com as pessoas. Um dos pontos mais delicados era estabelecer o diálogo com os brasileiros, pois eles dificilmente entendiam o que eu falava. Sentindo saudades da minha família, comendo alimentos dantes desconhecidos e com problemas de fuso horário, acordava bem antes de o dia amanhecer quase todos os dias, além da dificuldade financeira, chegando ao ponto em que fiquei praticamente sem dinheiro e tive de recorrer a outros meios para conseguir um empréstimo e poder me concentrar melhor nos estudos.

No primeiro dia de aula, nem sabia onde era a sala de aula. A secretária do Curso de Administração deixou os seus afazeres e me levou até lá. Ao chegar, todos olharam para mim como se eu fosse um estranho (e eu o era). Eles estavam curiosos em saber de onde eu era; queriam me escutar falando alguma coisa; desejavam saber como era o meu país, como consegui chegar a Bananeiras para estudar etc.

Comecei sendo indagado pelos alunos da turma e pelo professor. Eu me sentia constrangido e tímido, pois não havia ninguém do meu país naquele ambiente que pudesse me proporcionar mais segurança para enfrentar todas aquelas perguntas. No entanto, acabei por superar a timidez e, com determinação e coragem, enfrentei a turma e respondi todas as indagações.

No começo, o nervosismo tomou conta de mim, pois até então não tinha tido a experiência de falar em público. Além do mais, naquela situação, eu tinha de falar com pessoas cujas características sociais eram muito diferentes daquelas caras à minha cultura. Tudo isto me levou a sofrer um grande impacto cultural, por ter vindo de um país distante e pequeno em relação ao Brasil, onde deixei a minha família, com a esperança de um dia voltar e encontrá-los, de poder ajudá-los em todos os aspectos sociais e financeiros.

Percebi que a maioria dos estudantes africanos que vieram estudar no Brasil tinha o mesmo objetivo: voltar ao seu país de origem, poder ajudar a família, a sociedade e o seu país. Após quatro anos de curso, formei-me, mas não consegui retornar a Guiné-Bissau, principalmente por ter constituído família no período da graduação. Procurei, então, continuar a estudar e realizei o processo seletivo de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), da UFCG, no quadro dos alunos estrangeiros.

Escolhi a linha de pesquisa Cultura e Identidades, tendo em vista que esta possibilitaria discutir e fazer um estudo comparativo da minha experiência frente às dificuldades enfrentadas durante meu período como estudante, além daquelas sentidas pelos

alunos objeto de estudo dessa pesquisa. Portanto, acabei percebendo que os alunos do CAVN enfrentavam dificuldades semelhantes durante suas trajetórias acadêmicas, sejam elas de ordem financeira, de adaptação climática, de assimilação linguística, de sociabilidade, de distância dos familiares, dentre outras.

Esses pontos de aproximação me chamaram à atenção e me levaram a tentar compreender e pesquisar o cotidiano destes jovens estudantes dos cursos técnicos do Colégio Agrícola Vidal dos Negreiros. Decidi iniciar a investigação partindo das seguintes questões: como os jovens estudantes chegam ao colégio agrícola, após realizarem as provas seletivas, sendo trazidos pelos pais? Qual a bagagem cultural que possuem e a nova relação que passarão a ter na vida acadêmica (a qual durará entre um e três anos, ou mais)? Como conduzem suas atividades estudantis, as relações humanas comportamentais e, acima de tudo, o que passam a assimilar na nova convivência? Como se dá a interação acadêmica? Esses são alguns pontos que buscarei perceber e descrever neste trabalho de pesquisa.

Após o ingresso no curso de Mestrado nesta instituição, no ano de 2011, e com as leituras durante as disciplinas, minhas ansiedades se intensificaram. Alguns autores que me foram apresentados me levaram a outros questionamentos sobre a escolha da temática ao estudar o conflito e a adaptação dos estudantes do CAVN, em Bananeiras-PB.

Portanto, neste trabalho, pretendo investigar os conflitos e adaptações dos estudantes nos cursos técnicos do CAVN, escola vinculada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizada em Bananeiras, buscando compreender como eles passam a assimilar o cotidiano através do convívio socioeducacional durante a jornada estudantil, visando a facilitar o conhecimento da instituição. Assim, farei uma breve apresentação, tanto para identificar o CAVN como para situar a cidade de Bananeiras, onde a pesquisa foi realizada.

Antes de iniciarmos a pesquisa, solicitamos autorização ao diretor do CAVN através de uma carta de ofício redigida pelo meu orientador, Prof. Dr. Vanderlan Silva, a qual requeria acesso para a realização da pesquisa de campo. O diretor do CAVN, Sr. Gerson de Azeredo, aceitou o nosso pedido prontamente, ressaltando a importância da pesquisa para o colégio.

Em seguida, o diretor da instituição nos indicou para o coordenador do curso, o professor Rodrigo Ronelli Duarte de Andrade. Também conheci o professor Diogo, ex-aluno da pós-graduação em Ciências Sociais da UFCG, além dos funcionários da secretaria, que me permitiram investigar todas as fichas dos alunos. Em especial, o coordenador do CAVN, professor Rodrigo, deu-me muito apoio para o desenvolvimento da pesquisa e fez questão de

me acompanhar em todas as salas de aula, avisando aos alunos o objetivo do meu trabalho e a sua importância para o colégio, aproveitando para pedir a colaboração de todos.

Realizei as entrevistas com os alunos internos, externos e semi-internos entre novembro de 2013 e março de 2014. A amostra foi de vinte participantes e é representativa dos alunos dos cursos existentes no CAVN, bem como dos anos letivos nos quais se encontravam na época da pesquisa. A amostra está assim constituída:

- Seis alunos de Agropecuária integrada com o ensino médio (1º ano);
- Três alunos de Agropecuária – PROEJA (3º ano);
- Um aluno de Agroindústria integrada ao ensino médio (1º ano);
- Quatro alunos de Aquicultura subsequente pós-médio;
- Dois alunos de Agroindústria integrada ao ensino médio (2º ano);
- Três alunos de Agropecuária – PROEJA (3º ano);
- Um aluno de Agroindústria integrada ao ensino médio (3º ano);

Trata-se de um estudo sobre as formas de interação, conflitos e adaptações vividas pelos estudantes do CAVN. A metodologia utilizada será de pesquisa de campo, com uso da observação participante, tal como definida pela perspectiva antropológica, realizada conjuntamente com o uso de entrevistas. Realizei, igualmente, pesquisas bibliográficas sobre a história da instituição e as categorias conceituais importantes para o desenvolvimento do presente trabalho.

A pesquisa foi norteada por discussões que permitem outras reflexões sobre o cotidiano desses jovens estudantes do CAVN, levando-nos a perceber o seu dia-a-dia a partir deles mesmos. Desta forma, as indagações sobre as relações e as formas como são compreendidos neste espaço acadêmico se ampliam e oferecem elementos para a compreensão da vida desses jovens no CAVN.

Para a realização desta pesquisa, penso, de acordo com Malinowski (1984), que será importante apresentar uma definição dos métodos utilizados na coleta do material etnográfico. Geralmente, um estudo investigativo envolve, além da ansiedade de querer estar presente em campo não só como pesquisador indiferente e paciente, a escolha dos informantes, as opções teóricas e metodológicas. Mergulhado na situação de fazer da ação acadêmica bem mais do que a produção de objetos de pesquisa, encontrei-me com a etnografia. A escolha desta metodologia de investigação forneceu o rumo para as possibilidades de conhecimento do objeto de pesquisa.

A investigação foi feita dentro do universo dos sujeitos, com a perspectiva de encontrar os resultados almejados através da pesquisa. Com a caracterização do método etnográfico, é possível perceber a interação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, além da interação cotidiana do pesquisador no universo do sujeito. A investigação envolve a observação detalhada da vida cotidiana.

Nesse sentido, a observação busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, à sua cultura. Portanto, a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para a descrição dos sujeitos estudados, tendo como foco privilegiado os seus afazeres cotidianos, suas interpretações sobre o que fazem, visando, assim, conduzir o pesquisador a traçar uma visão ampla das relações entre os jovens estudantes do CAVN, particularmente observando e apreendendo os conflitos e as formas de adaptação vivenciadas pelos estudantes.

Além dos caminhos metodológicos mencionados, fiz pesquisa e análise dos dados dos alunos nas fichas cadastrais dos cursos técnicos profissionalizantes em diferentes modalidades, cujo objetivo foi reunir dados que me subsidiassem na compreensão das trajetórias de cada jovem estudante do CAVN.

No processo de investigação no campo de pesquisa, logo de início percebi que alguns alunos estavam ansiosos para saber quais dos colegas seriam indagados naquele momento, tanto quanto para escutar a minha voz, por não ser brasileiro. Mesmo assim, alguns dos entrevistados se intimidaram, hesitando em relatar a situação que ali estava acontecendo.

A partir de certo momento, já havia alguns alunos me chamando para iniciar as entrevistas com eles. Utilizei como recurso o gravador de voz. Na ocasião, fiquei atento para identificar os comportamentos dos informantes e delinear os seus perfis. Em seguida, fui embora, voltando no dia seguinte com maior tranquilidade para dar continuidade às entrevistas. Passei a selecionar os alunos pelo olhar e as categorias a partir das quais seriam entrevistados.

Em seguida, procurei um lugar mais apropriado e silencioso para dar continuidade à etapa das entrevistas. No decorrer do processo, fui para as salas de aula e ao restaurante universitário, local onde a maioria do alunado se encontrava. Fui ainda às residências onde os informantes estavam alojados. Sendo assim, fiz um grande esforço, sem desperdiçar as oportunidades de me encontrar com os alunos em qualquer hora e em qualquer lugar onde estivessem. Ainda frequentei a residência de alguns estudantes durante o dia e também à noite, à procura de informações interessantes para a minha pesquisa.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. Na introdução, é esclarecida a motivação, os objetivos, a hipótese e a metodologia da investigação. No primeiro capítulo, procurei apresentar momentos específicos sobre as discussões relacionadas à chegada e à adaptação dos alunos dos cursos técnicos no ano de 2013 no CAVN, na perspectiva de compreender melhor o cotidiano desses jovens, que vieram de diferentes municípios dos Estados brasileiros. Desse modo, busco compreender como descobriram o colégio agrícola; os seus primeiros dias no colégio e o que mais chamou à atenção quando lá chegaram.

No segundo capítulo, discuto questões relacionadas ao cotidiano dos jovens informantes; às formas de convivência deles com os colegas da turma; às formas de relacionamento com os professores, funcionários e moradores da cidade; ao cotidiano dos jovens no colégio nos finais de semana e às principais dificuldades ali encontradas. Portanto, ao discutir esta temática, procuro, neste momento de reflexão, compreender a realidade dos jovens estudantes do CAVN. Nas considerações finais, exponho os resultados da pesquisa e as principais conclusões a que me conduziram as observações e a análise dos dados obtidos.

2. JUVENTUDE, SOCIABILIDADE E CULTURA

No intuito de compreender melhor o fenômeno dos conflitos, percebe-se que é de extrema importância discutir a temática da sociabilidade e da cultura para compreender melhor o mundo social e cultural dos jovens estudantes ingressados nos cursos técnicos do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, doravante CAVN. Antes, porém, apresentaremos um pouco da história e da organização do CAVN, visando a levar o leitor a construir uma imagem clara da instituição onde foi realizada a pesquisa que serviu de base para a presente dissertação.

2.1 O lócus da pesquisa: Colégio Agrícola Vidal de Negreiros

Bananeiras, cidade da microrregião do brejo paraibano, está localizada na mesorregião da Borborema, situada a 141 km da capital João Pessoa, a 150 km de Natal e a 70 km de Campina Grande. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2013, sua população era estimada em 22.012 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 258 km². Bananeiras, com altitude de 526 m com relação ao nível do mar, possui clima frio, atrativo para os turistas, além do aspecto histórico do agreste paraibano.

Em meados da década de 1920, foi fundado o Patronato Agrícola de Bananeiras, que, mais tarde, tornar-se-ia o CAVN. Atendendo a 487 alunos no ano de 2013, oriundos de vários Estados do Nordeste, a instituição configura-se como polo de educação agrícola e agroindustrial de nível médio nessa região.

Segundo Silva (2004), o Patronato Agrícola de Bananeiras foi um projeto pioneiro no Nordeste, contando com a iniciativa de Dulphe Pinheiro Machado e com o apoio do presidente da República à época, Wenceslau Braz. A finalidade do Patronato de Bananeiras, bem como de outros patronatos, era receber crianças do campo, filhas de agricultores da região, caracterizadas pelo pouco acesso ao conhecimento científico e à assistência social, para adquirirem a instrução formal necessária, de modo a conquistar melhores condições sociais e uma vida mais digna.

Dessa forma, o CAVN passou a receber jovens menores de idade provenientes do meio rural, filhos de agricultores, e também da zona urbana, além de jovens em situação de risco social. Geralmente, os próprios pais ou responsáveis recorriam às autoridades para interceder em prol da internação de seus filhos, com a esperança de que, um dia, eles se

tornassem profissionais, além de homens e mulheres de bem, com a satisfação de se tornarem cidadãos brasileiros de respeito (SILVA, 2004).

Já com 89 anos de existência, prestando serviços públicos de ordem educacional desde o início de sua história, este patrimônio agora faz parte da UFPB e vem formando profissionais, além de cidadãos. Sempre à procura da satisfação de seu público alvo, buscando inovações e competitividade no mercado acadêmico, o CAVN tem como referencial os ex-alunos, muitos dos quais, hoje, são pessoas de destaque na sociedade.

Vale ressaltar que o CAVN foi uma instituição sob a coordenação do Ministério da Agricultura durante o período de 01 de setembro de 1931, quando a instituição passou a denominar-se Instituto Agrônomo Vidal de Negreiros, até 1968, quando veio a ser supervisionado pelo Ministério da Educação. Conforme elucida Silva (2004, p. 65),

registra-se que, a partir do ano de 1964, a instituição passou à denominação de Colégio Agrícola Vidal de Negreiros e no ano de 1968 ficou, por definitivo, sob a responsabilidade do Ministério da Educação, incorporando-se à Universidade Federal da Paraíba, mediante o Decreto nº 62. 173, de 25 de janeiro daquele ano, transformando-se em Câmpus Universitário e neste período foi implantado o sistema de Escola-Fazenda, de acordo com os preceitos da Lei de Diretrizes de Base do Ensino de 2º Grau (SILVA, 2004, p.65).

A partir de 1974, ocorreu a criação do primeiro curso superior, denominado Tecnólogos em Cooperativismo, sendo caracterizado como licenciatura com habilitação em Administração de Cooperativas. Na década seguinte, outros cursos superiores surgiram no câmpus de Bananeiras e passou a haver o ingresso de formandos do CAVN nos cursos de graduação. Recentemente, há uma grande absorção dos ex-técnicos ingressando nos cursos de Bacharelado em Administração, Licenciatura em Ciências Agrárias, Bacharelado em Agroindústria e em Agroecologia e Licenciatura em Pedagogia do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias – CCHSA, unidade acadêmica da UFPB, câmpus III.

Cabe uma pequena menção ao fato de que, em março de 2008, por meio de consulta política e democrática, a comunidade acadêmica determinou a mudança do antigo nome da instituição – Centro de Formação de Tecnólogos – para Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, vindo a contemplar as diferentes áreas científicas correspondentes aos cursos de graduação e pós-graduação atualmente existentes.

Os cursos envolvidos na análise desta pesquisa e que formam os níveis educacionais oferecidos pela instituição se apresentam nas seguintes modalidades:

- Integrados ao Ensino Médio, os cursos de Agropecuária e Agroindústria;

- Na modalidade PROEJA, o curso de Agropecuária;
- Cursos subsequentes¹ em Agropecuária, Agroindústria e Aquicultura.

O CAVN, no ano de 2013, matriculou 487 alunos de diferentes regiões da Paraíba e de outros Estados nordestinos. Um dado interessante elucidado pelas entrevistas feitas com os alunos do turno da noite revelou a prática de alguns comportamentos que vão de encontro ao regimento interno do colégio.

Podem ser observadas as seguintes ordens de proibição, de acordo com o regimento interno da instituição: há um horário estipulado para o recolhimento dos alunos nos alojamentos, além da proibição do consumo de bebidas alcoólicas nas dependências da escola e da interdição de os casais dormirem juntos nas residências, regras que nem sempre são obedecidas.

A maioria dos alunos alojados não cumpre todas as regras. É o caso, por exemplo, dos casais, que não raro conseguem driblar o regimento, apesar da existência de um assistente dos alunos, encarregado de tomar as medidas disciplinares cabíveis, causando insatisfação em alguns colegas. Esses e outros fatos acontecem com frequência nos alojamentos, sendo de difícil proibição.

FIGURA 01: Foto panorâmica do câmpus do CAVN-UFPB (Bananeiras-PB).



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

¹ No curso subsequente são ministradas as disciplinas de cunho profissional, já que os alunos ingressantes nesta modalidade já possuem o Ensino Médio.

FIGURA 02: Foto da secretaria do CAVN.



Fonte: <<http://www.cavn.ufpb.br/>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

2.2 Discussões sobre juventude

Jovens e juventude são duas palavras amplamente utilizadas na atualidade. Na maioria das sociedades atuais, o conceito já foi incorporado ao seu cotidiano. De acordo com o senso comum, essa condição é compreendida como um período cujo início é delimitado pelo final de uma faixa anterior: a infância. Assim, “o tempo de juventude corresponde ao período em que o ser humano se prepara para a vida adulta, distanciando-se da infância, mas ainda longe da ‘adultez’” (BEZERRA, 2012, p. 45). No entanto,

a realidade social demonstra [...] que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, etnia, grupo etc. (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2007, p. 23).

Pode-se perceber que a juventude, além de ser uma construção social, torna-se, para vários indivíduos, uma boa lembrança, cheia de fatos considerados importantes, os quais, quando evocados, causam saudade, mesmo levando em conta todos os conflitos normalmente vivenciados nesta fase da vida. Ou seja, é um período percebido comumente como marcante e de difícil esquecimento.

Durante essa fase, estabelecem-se as amizades que se tornarão mais sólidas, marcando também o início da construção de nossa própria identidade. Muitas das decisões e rumos futuros de nossas vidas são definidos a partir das posições que escolhemos na juventude. É certo que, na fase adulta, mudaremos muitos dos nossos posicionamentos, através da aquisição de novos conhecimentos e da convivência em outros grupos sociais. Contudo, uma parcela significativa do que faremos será erigida sobre a base construída na adolescência. Para efeito de delimitação, neste estudo, será mobilizado o conceito de juventude adotado pela UNESCO:

[...] visando facilitar a realização de comparações internacionais, regionais, temporais, socioeconômicas etc., em muitos casos, parte-se de uma definição predominantemente etária, abrangendo dos 15 aos 29 anos, cuja principal característica é a transitoriedade, razão pela qual está fadada a ser perdida com o passar dos anos (UNESCO apud ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2007, p. 21).

A faixa etária dos jovens estudantes do CAVN, embora estipulada entre alunos de diferentes modalidades de cursos técnicos, desde o primeiro até o terceiro ano, pode ser considerada como juventude pela UNESCO: eles possuem entre 14 e 23 anos de idade e são oriundos das zonas rural e urbana de diferentes municípios dos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Para Burak, citado por Pais (2001, p. 51), “percebe-se que a juventude é um signo. É como uma experiência social, onde cada um vive o seu mundo diferente, cheio de perspectivas de qual seria o futuro. Assim, pode ser percebida como sociedade de risco, ou de incerteza do meio social da juventude atual”. Destarte, Burak (apud PAIS, 2001, p. 23) alerta para o fato de que “olhar para adolescentes e jovens do mundo carrega qualquer risco de interpretar mal sinais e símbolos cujos significados mudam por eventos sociais e históricos que preenchem a lacuna entre ‘os nossos jovens’ do tempo atual”.

Segundo Pais (1990, p.140), com efeito, “a juventude começa a ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável [...]”. O fato de se falar dos jovens como uma “unidade social”, um grupo dotado de “interesses comuns” e de se referirem esses interesses a uma determinada faixa etária constitui, já de si, uma evidente manipulação. Na verdade, nas representações correntes da juventude, o que se vê são os jovens tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil “unitária”. Assim,

o que se coloca à sociologia da juventude é explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais), mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre elas existem (PAIS, 1990, p. 140).

No tocante aos jovens estudantes do CAVN, eles entram num processo de ruptura e, eventualmente, de reconstrução de uma nova realidade, tendo de desenvolver um novo modo de convivência dentro de um mundo científico e acadêmico. Neste ambiente, o tipo de relacionamento estabelecido é predominantemente conflituoso, pois, além das diferenças comportamentais que surgem em relação aos grupos dominantes – constituídas principalmente pelos indivíduos provenientes da região do brejo paraibano – o próprio jovem da atualidade já ocupa um lugar problemático na sociedade (RIBEIRO, 2009).

Os grupos de jovens vindos de outras localidades possuem perfis diferenciados: alguns são mais “descompromissados”, pois visam principalmente à saída do ambiente familiar e à vivência de novas experiências. A outra parcela é representada por jovens com objetivos mais definidos, talvez por serem possuidores de necessidades específicas, como retornar às suas comunidades de origem na condição de profissionais na área de formação escolhida. No desenrolar do processo, eles tentam desenvolver alternativas e estratégias para conviver com os diferentes grupos, principalmente os dominantes, que “ditam” as regras a ser seguidas, principalmente no ambiente dos alojamentos.

Dentre outras modificações no cotidiano, os jovens estudantes do CAVN têm de lidar com a questão dos deslocamentos de uma cidade para outra e até de outros Estados para a cidade de Bananeiras, na Paraíba, com a perspectiva de ingressar no mundo acadêmico, onde se deparam com grandes transformações e mudanças no relacionamento com outros indivíduos estranhos a eles. Percebe-se que a maioria dos alunos dos cursos técnicos que vieram das regiões urbanas e rurais dos municípios e Estados citados vivencia choques culturais quando chegam ao CAVN, conforme será evidenciado a seguir.

2.3 Impactos culturais na chegada dos alunos ao CAVN

Para melhor compreender a discussão sobre conflito cultural, precisamos elucidar os conceitos de alguns autores capazes de direcionar com maior propriedade a discussão do assunto. Bourdieu (2006), ao analisar “o camponês e o seu corpo” na França, chegou à conclusão de que certas condições econômicas, sociais e psicológicas determinaram o crescente em uma sociedade camponesa baseada na primogenitura.

A cena dos bailes e das festas locais revelava o conflito cultural cidade-campo e expunha a discussão sobre as categorias urbanas e o mundo rural, e a consequente desvalorização social dos jovens camponeses. Diante da nova situação, ao mesmo tempo objetiva e simbólica, os camponeses terminam por acentuar, na própria linguagem corporal, as consequências pejorativas do choque de culturas a que se refreiam (BOURDIEU, 2006, p. 83).

Deste modo, considerando que o grupo social com o qual trabalhamos passa por situações semelhantes às aquelas observadas por Bourdieu na França, mobilizamos os conceitos de *habitus* e campo, propostos pelo autor. Para ele, o conceito de *habitus* pode ser

entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funcionam em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas (BOURDIEU, 1972, p. 261).

O *habitus* é incorporado a partir da participação dos indivíduos na vida social de determinado grupo. Percebe-se que, dentro do CAVN, existe esse tipo de relação de convivência entre os jovens alunos. Eles vieram de diferentes localidades do município ou de Estados diferentes, com o propósito de estudar e se tornar grandes profissionais em suas respectivas áreas de formação. Em sua maioria, o corpo discente da instituição é composto por filhos de agricultores rurais, advindos das zonas rural e urbana.

Pode-se identificar o *habitus* como algo incorporado nas ações praticadas no dia-a-dia. Ele pode sofrer mudanças conforme o indivíduo transita de uma estrutura social para outra. Ao se relacionar com outros grupos sociais ao longo do tempo, o indivíduo adquire novos *habitus* através da convivência. Acresce-se a isto o fato de a juventude ser uma época de mudanças e, portanto, de incorporação de novos hábitos.

O conceito de campo de Bourdieu vem complementar o de *habitus*,

[...] pois, para Bourdieu (2001), o campo consiste no espaço em que ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais, espaço este sempre dinâmico e com uma dinâmica que obedece a leis próprias, animada sempre pelas disputas ocorridas em seu interior, e cujo móvel é invariavelmente o interesse em ser bem-sucedido nas relações estabelecidas entre os seus componentes (seja no nível dos agentes, seja no nível das estruturas) (ROSA, 2010, s/p).

Pierre Bourdieu compreende que o campo é caracterizado como um meio social onde se inter-relacionam diferentes grupos. Cada um com suas aspirações de conquistas individuais

e coletivas. No campo acadêmico, sempre ocorrem disputas intelectuais, enquanto que nos outros campos, como o esportivo, por exemplo, as disputas se dão em torno dos times de futebol de salão que existem no câmpus de Bananeiras, reunindo grupos distintos de estudantes, mobilizando a torcida coletiva de outros estudantes pelas vitórias dos times reconhecidos como seus.

Assim, o campo acadêmico dos alunos do CAVN é formado por grupos diferenciados que convivem no cotidiano. Mesmo no âmbito desses grupos, há espaço para as diferenciações individuais. Essas relações individuais podem ser percebidas no dia-a-dia das relações entre os indivíduos.

Em relação à questão do sentimento, Elias & Scotson (1997, p. 47) afirmam que “está intimamente ligado a uma mudança no equilíbrio de forças entre os grupos sociais cujas relações eram socialmente reguladas pelo código”. Assim, percebemos que as mudanças podem ser percebidas na ordem dos sentimentos, pensamentos e nas formas de agir. Além de ser uma conjuntura social, percebe-se que existe um conjunto de forças das mais variadas ordens, em meio às quais os estudantes vivem cotidianamente.

De forma geral, foi possível utilizar o conceito de *habitus* para analisar o universo acadêmico os alunos do CAVN, suas particularidades comportamentais, culturais e sociais. No decorrer da pesquisa de campo, tive a oportunidade de identificar a existência de conflitos entre os alunos que vieram do brejo e aqueles oriundos do sertão (zona rural *versus* zona urbana). Os que são do brejo majoritariamente se consideram mais intelectualizados, mais informados, com mais facilidade de lidar com a tecnologia. Além disso, eles acreditam ter melhores condições financeiras. Os alunos que vieram do sertão, por sua vez, são considerados como trabalhadores do campo, de classes sociais inferiores e mais atrasados em relação à tecnologia. Embora isso seja marcante, obviamente nem todos pensam e agem em conformidade com esta perspectiva, a qual pode ser considerada preconceituosa.

A partir dessa diferença na divisão social entre regiões, estabelecem-se conflitos entre os sujeitos desses e de outros grupos. A principal causa de identificação e formação de grupos entre os indivíduos no CAVN se faz, em muitos momentos, tomando por base as “regiões” de origem dos estudantes. Os que pertencem a uma determinada área, a exemplo da zona rural, procuram se unir com outros indivíduos provenientes daquele meio; assim como os demais.

Durante o período da pesquisa, observei que os alunos da zona rural, em sua maioria, são provenientes de famílias tradicionais e estavam em busca da superação de dificuldades, com foco nos estudos e objetivando aprimorar suas capacidades e competências para o mundo do trabalho. Muitos alunos de origem rural nem chegam a desenvolver o hábito de frequentar

festas ou bares. Observei ainda que os jovens oriundos da zona rural procuravam manter seus costumes e tradições, inclusive no consumo culinário, representando mais uma forma de sofrimento e necessidade de adaptação frente ao cardápio apresentado no CAVN e na cidade de Bananeiras. A formação de grupos de amizade entre estudantes de regiões semelhantes permite-os elaborar estratégias de adaptação e resistência nesse novo mundo, conservando, desta feita, o vínculo com as suas comunidades de origem.

Dentro dessa conjuntura, compreende-se que cada membro abriga características sociais que exercem influência nas formas de agir, pensar e sentir dentro do grupo. Observei que, entre os que vieram do meio rural, alguns eram mais tímidos e tendiam a respeitar os companheiros de grupo, bem como as demais pessoas com as quais conviviam diariamente. Eles valorizavam mais os benefícios recebidos de terceiros e geralmente não apresentavam uma conduta invasiva, evitando, por exemplo, manusear os pertences dos colegas sem a sua permissão. Aparentavam ser mais unidos, pois andavam sempre juntos.

Por esse motivo, alguns alunos se limitavam à convivência quase exclusiva com indivíduos da mesma região e, aparentemente, da mesma classe social, havendo aqueles que eram estigmatizados na escolha dos amigos. Segundo Goffman (1988, p. 12), o estigma se refere a um processo social baseado em “pré-concepções [que] nós transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso”. Vale ressaltar que essas concepções prévias são recorrentemente pejorativas.

Tais expectativas podem ser percebidas nos comportamentos encontrados nos distintos grupos existentes no CAVN. É patente que o aluno proveniente da zona rural tem modos mais conservadores e atitudes consideradas tímidas, devido aos costumes familiares e sociais arraigados desde a infância. Isto porque, em princípio, quanto menor é o círculo de amizade dos indivíduos, mais limitadas são suas possibilidades de expansão em termos de comunicação.

Os alunos oriundos da zona urbana são mais expansivos, consideram-se, em geral, mais inteligentes e também mais aptos a conviver com os novos avanços tecnológicos e a resolver situações conflituosas. Talvez, os conflitos pareçam mais fáceis de ser enfrentados por esse grupo porque o próprio ambiente da cidade forneça um lugar rico em conflito. Provavelmente por se sentirem mais seguros, consideram seus atributos superiores, esperando dos outros um comportamento semelhante.

Todavia, como na maioria das vezes isso não acontece, devido às diferenças de costumes e hábitos, os alunos urbanos tendem a considerar aqueles do sertão como uma “criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída” (GOFFMAN,

1988, p. 12). Certamente, esta postura gera conflitos no meio social de convivência, estimulando cada um a se integrar em um grupo que se identifique com o seu perfil e vice-versa. Tal processo de exclusão diagnosticado na pesquisa de campo é justamente o que caracteriza um processo de estigmatização,

[...] especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 1988, p. 12).

No entanto, na realidade do CAVN, nada justificaria de forma inequívoca e objetiva uma pretensa inferioridade por parte dos estudantes vindos da zona rural. Eles se caracterizam como um conjunto de alunos frequentando diferentes modalidades de cursos e que apresentam comportamentos diferentes, em alguns momentos ostentando características próprias do seu meio social, multifacetado por diferentes cidades/Estados. O comportamento dos estudantes da zona urbana para com os alunos do campo pode igualmente ser caracterizado como uma postura etnocêntrica. Consoante a definição de Rocha, (1994, p. 07),

etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

Existem alunos do sertão que desenvolvem comportamentos diferenciados daqueles típicos de seu grupo de origem, procurando se afirmar perante a comunidade acadêmica. Distanciam-se de alguns colegas, adotam hábitos dos indivíduos provenientes de regiões consideradas mais avançadas, esforçam-se para conquistar as garotas e se fazer notar. Em outras palavras, tais indivíduos desenvolvem um perfil diferente do sertanejo, reforçando ou tentando fugir do estigma.

Por outro lado, é preciso relativizar tais afirmações, pois vários alunos oriundos do brejo não fazem observações depreciativas, de forma a diminuir ou estigmatizar os alunos originários do campo, respeitando as diferenças de conduta dos colegas. Esses conflitos não chegam ao ponto de gerar agressões físicas entre as partes e trazem à tona uma gama de discussões sobre a discriminação social inter classes.

Assim, confirma-se o fato de que “o habitante da cidade pequena é antes baseado no ânimo e nas relações pautadas pelo sentimento” (SIMMEL, 2005, p. 578). Ou seja, a proximidade e a familiaridades se constituem, para o habitante da cidade de pequeno porte (aqui representada pelos estudantes vindos das pequenas cidades do sertão), a base sobre a qual os relacionamentos se fundamentam.

Essas diferenças são fundamentais para se compreender o estabelecimento dos conflitos gerados no ambiente do CAVN, pois, quando eles acontecem, alteram a dinâmica do grupo. Segundo Simmel (2006, p. 84), “os conflitos e as mudanças que ocorrem não são necessariamente danosas; inclusive, o que aparece como dissociação pode ser compreendido como uma das formas elementares de socialização”. Eles são considerados benéficos porque sinalizam o desenvolvimento da tomada de consciência individual, assumindo uma função positiva perante a sociedade como um todo, principalmente à medida que são superados mediante a efetivação de acordos.

Um estudo enfocando a rinha de galos em Bali, realizado por Geertz (1989), convida à reflexão sobre as relações entre os estudantes do CAVN. Em Bali, o antropólogo norte-americano observou a existência de conflitos interpessoais entre os moradores das aldeias. Todavia, quando o galo de uma aldeia participava de uma rinha com o galo de outra localidade, os conflitos internos eram momentaneamente secundarizados e todos torciam pelo galo de sua localidade. Entre os estudantes do CAVN, as separações e conflitos parecem girar, inicialmente, em torno das origens dos discentes, pois, como pude observar, aqueles oriundos do brejo tendem a se enxergar como diferentes dos provenientes do sertão e das zonas rurais mais distantes.

Elias & Scotson (2000), por sua vez, discutem, a partir dos conceitos de estabelecidos e *outsiders*, as relações entre os grupos e entre os indivíduos, bem como as posições de prestígio e poder advindas de tais interações. Assim sendo,

[...] um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade” mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 07).

Os autores asseveram que, “na língua inglesa, o termo que completa a relação é *outsiders*, os não membros da ‘boa sociedade’, os que estão fora dela²” Dito de outro modo,

² Id. p. 07.

“trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*. A identidade social destes últimos é a de um grupo³”. Ambos os grupos, compostos por indivíduos estabelecidos e *outsiders*, mantêm uma inter-relação, formando uma configuração do tipo estabelecidos-*outsiders*, de natureza interdependente. Quanto à oposição verificada entre os grupos, o problema diz respeito a

[...] como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós” enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 37-38).

Entre os alunos do CAVN, a analogia concernente aos conceitos de estabelecidos-*outsiders* se refere ao relacionamento entre o grupo dominante (do brejo), que se percebe como “boa sociedade” e que pretende ser um modelo de conduta, e os alunos vindos do sertão, vistos como um grupo difuso, cujos laços não são tão sólidos como os dos primeiros.

Essas distinções causam impacto sobre o grupo de alunos do sertão e de outras localidades, acarretando neles um retraimento maior, além da dificuldade de se relacionar com outras pessoas, principalmente com os alunos mais antigos, os quais se colocam como estabelecidos. Alguns chegam mesmo a entrar em crise, tendo como consequência, dentre outras, o baixo rendimento escolar.

Isso se dá porque “a opinião interna de qualquer grupo com alto grau de coesão tem uma profunda influência em seus membros, como força reguladora de seus sentimentos e sua conduta” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 39). Na juventude, essa influência torna-se ainda mais significativa, pois, segundo Ribeiro (2009), a “galera” é um ambiente onde se cultivam formas intensas de sociabilidade e laços de pertencimento e ser acolhidos pela turma. A galera, portanto, representa muito para essa fase, pois implica o sentimento de aceitação e pertencimento.

Assim, a pressão para se adequar ao padrão dominante e o desejo de usufruir de recompensas oferecidas pelo grupo de estabelecidos se transforma na tensão entre aceitar a mudança ou se opor a ela. Ao aceitar se adequar, o estudante tenderá a incorporar novos *habitus* à sua identidade para então ser tido como um estabelecido no meio escolar do CAVN.

³ Ibid. p. 07 Id.

2.4 Encontros e rotinas dos jovens estudantes

Segundo Goffman (1980, p. 81), “os encontros expressam a temporalidade da vida cotidiana e o caráter contingente de toda a estrutura social”. Portanto, as rotinas dentro do CAVN formam uma estrutura social. Para Giddens (2003, p. 80-81), “o mundo social que Goffman retrata não é culturalmente específico, mas ocupa-se apenas do transitório, não das formas institucionais duradouras que moldam as vidas das pessoas”.

Finalmente, nesse novo mundo dos jovens estudantes, existe um senso comum em relação ao convívio. Ademais, as diferenças entre eles indicam a importância do espaço físico como um campo extraordinariamente complexo, onde se reúnem as (in) diferenças sociais.

De acordo com Simmel (2006), para se proceder à caracterização das formas de interação social entre seres humanos, é preciso levar em conta o desejo de superar o outro, a troca, em prol da construção de novos laços de aproximação entre as pessoas, pois esses fatores influenciam a colaboração entre os indivíduos de um determinado grupo social. Nesse sentido, Simmel (2006, p. 59-70) argumenta que

[...] o mundo da sociabilidade é o único em que é possível haver uma democracia sem atritos entre iguais; é um mundo artificial, construído a partir de seres que desejam produzir exclusivamente entre si a mesma interação pura que não seja desequilibrada por nenhuma tensão material. Assim, contrapondo à sugestão de toda sociabilidade como um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil.

Destarte, compreende-se que a sociabilidade é uma forma no seio da qual aprendemos a nos relacionar com os outros dentro do grupo social. Por conseguinte, em sociedade, os indivíduos estão constantemente ligados uns aos outros, influenciando e recebendo influências nas trocas experienciais.

Na compreensão da cultura, pode-se perceber que ela não só representa um povo ou uma nação, como também envolve várias possibilidades de caracterizar ou de representar uma sociedade, englobando grupos, pessoas, etnias, tribos, raças. Na compreensão de Geertz (1989, p. 08), a cultura é “uma realidade ‘superorgânica’ autocontida, com forças e propósitos em si mesma [...]. A cultura [está na mente] e no coração dos homens”. Desse modo, ela é composta por estruturas psicológicas através das quais os indivíduos ou grupos apresentam comportamentos diferentes,

[...] envolvendo os seus valores sociais, e culturais, adquirindo crenças, hábitos e costumes de um determinado grupo de pessoas ou sociedades

envolvidas. [...] De tal modo que cada um tem o poder da sua escolha, de decidir naturalmente, de comprovar a sua cultura, independentemente da classe social. Para a imagem do homem do século XVIII, como o racional nu que surgiu quando ele se despiu dos seus costumes culturais, a antropologia do final do século XIX e início do século XX substituiu a imagem do homem como o animal transfigurado que surgia quando ele novamente se vestia com esses costumes (GEERTZ, 1989, p. 09).

Portanto, mesmo o indivíduo pertencendo a uma cultura que transmite valores, hábitos e costumes, há espaço para construir uma diferenciação através do direcionamento conferido aos padrões culturais e aos sistemas de significados historicamente constituídos, dando forma, ordem, objetivo e direção à vida em sociedade.

Assim, mesmo que a cultura exerça impacto sobre o indivíduo, com seu conjunto de mecanismos simbólicos usados para o controle do comportamento; a despeito do fato de a convivência pressionar os indivíduos para agir em uma determinada direção, ainda assim a individualidade é viável. E, claro, essa individualidade se inter-relaciona com a cultura e com a identidade.

Segundo Hall (2011 p. 08), “a identidade cultural é formada por aspectos que surgem de nosso ‘pertencimento’ às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, a cima de tudo, nacionais”. O autor elucida que a identidade está sendo fortemente discutida na teoria social. As antigas identidades que, por tanto tempo, estabilizaram o mundo social, agora estão em decadência, fazendo surgir novas identidades, ou seja, dividindo o indivíduo moderno, outrora visto como um sujeito unificado. Dessa forma, identifica-se uma “crise de identidade” vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que conferiam aos indivíduos estabilidade no mundo social.

De tal modo, podemos considerar que as identidades são construídas a partir do momento em que nascemos; elas são mutáveis, podem ser reconstruídas a partir do ser “eu”, tendo em conta os processos de transformação do indivíduo, seja onde for que esteja. De tal maneira, as identidades nos acompanham pelo resto das nossas vidas, não importa o lugar. Portanto, em todos os momentos, estão surgindo as novas identidades, em diferentes opções de escolha da própria identidade, seja sexual, ou mudança de lugar. Isso nos leva a incorporar a nova identidade na vida pessoal perante a sociedade. De certa forma, a identidade humana e cultural está em decadência; por essa razão, até hoje andam a surgir novas identidades e culturas (HALL, 2011, p. 07).

Berger (1996, p. 11), por seu turno, questiona

[...] que realidade é mantida em uma sociedade e como, de modo ainda mais interessante, esta realidade pode mais de uma vez ser perdida por um indivíduo ou uma coletividade inteira. Portanto, o interesse sociológico em questões da realidade e do conhecimento justifica-se, assim, inicialmente, pelo fato de ser uma relatividade social.

Podemos perceber que existem diferenças entre as duas “realidades” pertencentes à mesma sociedade. De certa forma, qualquer que seja grupo social onde se manifestam as diferenças de hábitos, crenças e costumes, sempre haverá conflitos na construção das identidades e estas, por sua vez, estimulam a reprodução de conflitos.

2.5 A convivência dos jovens estudantes no meio acadêmico

Segundo Machado (1997) a realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis constituindo um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poderes nas sociedades. Portanto, essa modalidade de jovens estudantes pode ser representada como um grupo aparentemente dividido em duas categorias, cuja natureza oscila entre heterogênea e homogênea. Seus membros possuem diferentes interesses pessoais (situação socioeconômica, geográfica, cultural etc.) ou, de modo inverso, comportam-se como um conjunto social capaz de diferenciar os jovens uns dos outros.

Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de determinadas “perspectivas” originadas nas múltiplas formas de conceber os jovens, produzindo acerca deles uma representação na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo, dentre outras.

Outrossim, a juventude pode ser percebida como categoria social de uma determinada sociedade ou grupo, com a capacidade de transformar uma realidade vivida por eles em ação, através do pensamento do coletivo dentro do meio onde se relacionam. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, as juventudes são vistas como formas, matrizes da humanidade e da sociedade, dotadas da capacidade de inovação (política, econômica, social, etc.) em todas as esferas da sociedade humana, buscando não cometer os erros dos antepassados.

3. A DESCOBERTA DO NOVO MUNDO ACADÊMICO

3.1 A demonstração das origens sociais e a situação geográfica dos alunos

Estimulados pela busca de conhecimento e pela expectativa de melhores condições de vida no futuro para si e para os seus familiares, os jovens estudantes do CAVN se deslocam entre diferentes regiões do Estado, bem como de outros Estados, buscando acesso à formação profissionalizante. Cada estudante tem uma história de vida particular, mesclada a configurações sociais semelhantes ou diferentes às tramas existenciais do outro. Isso implica encontros (sintonia) e desencontros, mesmo que todos estejam no CAVN por um motivo específico em comum: a formação profissionalizante.

Como pude perceber, os pais contribuíam financeiramente com a maioria dos estudantes entrevistados. Em alguns casos, quem cumpria a função de apoio eram os avós ou familiares próximos. Alguns alunos recebiam auxílio do próprio CAVN, através dos estágios oferecidos para a manutenção da sua permanência no curso técnico. Em todo o caso, a cada ano, a chegada e a estadia no universo do CAVN representa o encontro com novas possibilidades, diante das quais as reações seguem roteiros sociais vivenciados e sentidos por cada um de maneira particular.

Geertz (1989, p.149) afirma que o pensamento humano é construído socialmente. Trata-se do social em sua origem, em suas funções sociais, em suas formas e aplicações. Quanto às tensões interacionais vivenciadas pelos alunos na instituição, podem-se levar em consideração alguns fatores relativos às origens sociais dos estudantes. Fica claro que eles vieram de diferentes cidades e Estados para ingressar em cursos técnicos profissionalizantes, em busca de formação e capacitação nas áreas oferecidas pela instituição de ensino técnico.

É possível constatar a existência de uma nova condição juvenil no Brasil. O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores. Essa mudança nos jovens que chegam à escola não se restringe às diferenças culturais entre gerações, mas também às diferenças de classe, devido às mudanças que levaram ao maior acesso das classes populares às escolas públicas (BRESCIANI, 2010, p.1107).

Segundo Laraia (1996), considera-se que as diferenças do ambiente físico influenciam a diversidade cultural. Vale dizer que influenciar é diferente de determinar, assim como pensavam os adeptos da teoria do determinismo geográfico. Por conseguinte, demonstra-se

haver uma limitação a se considerar no tocante à influência geográfica sobre os fatores culturais. Logo, as origens geográficas comuns por vezes influenciam o reconhecimento de semelhanças entre os alunos do CAVN. Veja-se o caso dos alunos oriundos da região brejeira, a exemplo da cidade de Bananeiras, com 81 alunos cursando o ensino médio; da cidade vizinha, Solânea, com 68 alunos e Arara, com 20 estudantes que compõem o ensino médio, além dos discentes vindos de outras cidades e de Estados diferentes. Isto é uma pequena amostra das origens “brejeiras” dos alunos da instituição.

Na entrevista com a estudante Maria José Rodrigues da Silva (21 anos, aluna do 2º ano de curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA), de Riachão-PB, quando questionada sobre o motivo de ter escolhido o Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN, afirmou:

Escolhi o colégio para estudar através da influência da minha irmã e do meu tio, que já trabalhou no colégio, assim como entendo que o estudo da minha cidade era mais fraco do que eu vejo aqui no colégio agrícola. Eu pretendo me encontrar e especificar numa área e trabalhar na mesma área de aves que é avicultura, para mexer com as aves (informação verbal⁴).

De acordo com a entrevistada, percebe-se que ela foi incentivada a estudar no colégio através dos parentes ex-funcionários da instituição. Isso demonstra ter havido envolvimento de indicação de parentes e amigos que lá trabalham ou trabalharam, fator de grande influência na tomada de decisão da aluna. Essa possibilidade apresentada à estudante, apesar de o colégio ser distante da capital João Pessoa e dos Estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte, denota uma das maneiras através da qual ela descobriu a existência do CAVN, revelando, igualmente, o envolvimento de terceiros na sua decisão.

Dar início à entrevista com esta informante em especial não foi tarefa fácil. Passei três dias para conseguir entrevistá-la. Sempre que eu a chamava para conversar, ela se esquivava, afirmando estar ocupada. Então, perguntei quando seria viável para ela esta conversa, e o encontro ficou marcado para o turno da noite, depois do jantar, no restaurante universitário. Contudo, a julgar pelo olhar dela, percebi se tratar de mais uma evasiva. Não obstante, compareci ao local no horário combinado. Assim que a informante concluiu sua refeição, logo procurei uma sala no prédio dos cursos superiores e foi feita a entrevista.

Finalmente, descobri que todas as dificuldades impostas por ela eram motivadas por medo e vergonha de conceder a entrevista.

⁴ SILVA, Maria José Rodrigues. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Maria José Rodrigues da Silva sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

Em outra entrevista, quando perguntei à informante Albanísia Oliveira dos Santos (16 anos, aluna do 2º ano de curso técnico em Agroindústria integrado ao ensino médio), da cidade de Solânea-PB, como ela soube da existência do CAVN, sua resposta foi: “Fiquei sabendo da existência do colégio através dos amigos que já estudam aqui no colégio; a gente vai conversando e resolve entrar no curso” (informação verbal⁵).

Declarações dadas por outros estudantes revelam que o conhecimento do CAVN se deu graças às informações concedidas por pessoas que já tinham tido algum tipo de relação com o colégio, seja na condição de funcionário, ex-aluno ou aluno regularmente matriculado. Isto mostra como as relações interpessoais são importantes para a chegada de novatos ao colégio.

Entre as categorias apresentadas dentro da conjuntura do trabalho, os alunos relataram com maior riqueza de detalhes o grau das atribulações encontradas durante todo o trajeto dos estudos e os momentos mais difíceis vivenciados na instituição, como também os bons momentos, as alegrias que jamais serão esquecidas. Alguns dos jovens estudantes consideraram ter encontrado no CAVN uma nova família, algo até então desconhecido para muitos deles. Assim, a informante Ravelane Rayane Oliveira dos Santos, ao ser questionada sobre sua relação com professores e funcionários, respondeu nos seguintes termos:

Com os professores, para falar verdade, não tenho professores, eu tenho alguns pais aqui dentro do colégio. Por exemplo, professora Nilvânia, para mim, não é apenas uma professora, ela é minha segunda mãe, porque ela me deu algumas oportunidades que, aqui no colégio, eu acho que não era a obrigação do professor. Ela pegou na minha mão e me ensinou como fazer as coisas. Tanto ela como o professor Jordão, e outros professores, e, para mim, todos eles são ótimos professores aqui do colégio. E os funcionários eles são muito educados com a gente, eles nos respeitam, até agora eu não tenho nenhum conflito com a diretoria do nosso curso (informação verbal⁶).

Percebe-se na fala da informante o bom relacionamento com professores e funcionários da instituição, ao mencionar a relação de respeito estabelecida entre eles, bem como com o pessoal de diretoria do curso técnico. Essa relação com os professores e funcionários é relevante. Vale ressaltar que alguns professores contribuem financeiramente

⁵ SANTOS, Albanísia Oliveira dos. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Albanísia Oliveira dos Santos sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

⁶ SANTOS, Ravelane Rayane Oliveira dos. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Ravelane Rayane Oliveira dos Santos sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

com os alunos, quando precisam viajar para casa, ou oferecem carona para os que moram na mesma cidade.

Esse fato só é percebido por quem acompanha o dia-a-dia dos discentes. Em todos os momentos de investigação, como pesquisador, apreendi também esse tipo de envolvimento dos professores e funcionários com os estudantes. Eis um fato impressionante, pois o comportamento observado extrapola a relação professor-aluno convencional. Há um relacionamento muito aberto. Por vezes, quem não conhecia a dinâmica dessa relação não atentava para o fato de que era o professor a conversar, ao mesmo tempo em que brincava com o aluno. Certamente, estabeleceu-se um tipo de relacionamento muito agradável entre professores e estudantes de diferentes modalidades dos cursos de formação técnica e profissionalizante do CAVN.

3.2 O processo seletivo: técnicas de avaliação para os novos residentes

O processo seletivo é feito através de um edital publicado no próprio centro acadêmico (CAVN), com o intuito de capacitar jovens e adultos em diferentes áreas de conhecimento oferecidas ao público. O Colégio Agrícola Vidal de Negreiros está situado no município de Bananeiras-PB. Ele atende a 554 alunos de toda região do brejo Paraibano, sendo totalmente gratuito. Em 2013, foram oferecidas 235 vagas em diferentes áreas. Os cursos existentes se apresentam nos seguintes formatos:

- Em nível médio, Agropecuária e Agroindústria;
- Pelo PROEJA, Agropecuária e Agroindústria;
- Pós-médio, Agropecuária, Agroindústria e Aquicultura.

No ano de 2012, o CAVN matriculou 404 alunos de diferentes regiões da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Assim, percebe-se que, em cada ano letivo, surgem grandes demandas de estudantes de diferentes regiões à procura de ingressar em cursos profissionalizantes, nas modalidades supracitadas.

Para compreender melhor o procedimento do sistema avaliativo dos alunos recém-chegados, descrevi como ocorre a procura das vagas nos alojamentos do colégio. Primeiramente, são identificadas as condições financeiras dos familiares, para apreender o perfil socioeconômico dos alunos que precisam ser alojados por não ser viável para eles alugar uma casa ou apartamento nas cidades próximas ao colégio.

Portanto, assim que são selecionados, os estudantes são divididos em três categorias: externos, internos e semi-externos. Os alunos internos ficam no alojamento, com direito à moradia e mais três refeições por dia no restaurante do colégio. Já os alunos externos não moram nas dependências da instituição e não têm direito às refeições lá oferecidas. Os semi-externos permanecem no colégio em tempo integral, não tendo condições de regressar a casa para realizar as refeições nos intervalos das aulas. Eles têm direito ao almoço.

As justificativas para a escolha da ordem dos fatores de seleção do corpo discente são bem diversificadas, conforme delimitado no quadro 01, contendo os nomes, origens e situação residencial dos estudantes entrevistados:

QUADRO 01: Cidades, regiões e situação residencial dos alunos entrevistados.

Aluno(a)	Cidade	Região	Situação Residencial
Larissa Candido da Silva	Bananeiras – PB	Zona Urbana	Externa
Milena Kelle Cruz da Silva	Bananeiras – PB	Zona Urbana	Externa
Rosane Kelly Costa de Araújo	Solânea – PB	Zona Urbana	Externa
Ayirton Ravelles de A. Rodrigues	Bananeiras – PB	Zona Rural	Externo
Luís Carlos Bernardinho	Bananeiras, PB	Zona Rural	Externo
Jefferson Kal Lyns Rocha de Vasconcelos	Solânea – PB	Zona Urbana	Externo
Lucas Raphael Olegário Sousa	C. de Dentro – PB	Zona Urbana	Externo
Welton do Nascimento Silva	Solânea – PB	Zona Urbana	Externo
Ana Paula de Lima Barros	Bananeiras – PB	Zona Rural	Interna
Maria José Rodrigues da Silva	Riachão – PB	Zona Rural	Interna
Ravelane Rayane Oliveira dos Santos	Maturéia – PB	Zona Rural	Interna
Anna Carolina Diniz Carmona	Taperoá – PB	Zona Urbana	Interna
Carmelita Érica Azevedo de Lucena	Catingueira – PB	Zona Urbana	Interna
Felipe Pereira Alves	Emas – PB	Zona Rural	Interno
Antônio Josiberg Bezerra	S.S. Umbuzeiro-PB	Zona Urbana	Interno

Emanuel Messias Bezerra da Silva	Belém – PB	Zona Urbana	Interno
Gustavo Gomes de Lima	Cuité – PB	Zona Urbana	Interno
Marcos Antônio da Silva Santos	Arara – PB	Zona Urbana	Interno
Rodrigo Silva Freitas	Zabelê – PB	Zona Urbana	Interno
Albanísia Oliveira dos Santos	Solânea – PB	Zona Urbana	Semi-interna

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

De acordo com os alunos entrevistados, a categoria de aluno externo representa 8% do corpo discente, enquanto a categoria de aluno interno com condição de ter acesso ao alojamento do CAVN representa 11% dos entrevistados. Apenas 1% do alunado é semi-interno. Esta é a delimitação de todas as categorias de alunos entrevistados em 2013.

Nesse contexto, na maioria das vezes, os pais acompanhavam seus filhos para a efetuação da matrícula, antes de se iniciarem as atividades escolares. Alguns alunos do regime de internato chegam ao colégio uma semana antes do início das aulas, à procura do alojamento disponibilizado pelo CAVN exclusivamente para esta categoria. Isto porque a maioria dos pais não tem condições financeiras de manter o filho estudando, como também de alugar uma casa ou apartamento na cidade para ele.

Assim, compreendo este benefício como um dos privilégios concedidos pela instituição de ensino para os alunos provenientes de cidades distantes e impossibilitados de se manter por conta própria ou mediante o apoio financeiro dos pais ou responsáveis. Esses estudantes são recebidos e alojados por conta do colégio, sem custo de moradia nem de alimentação durante o curso.

Segundo o estudante Rodrigo Silva Freitas (18 anos, aluno do 1º ano de curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio), de João Pessoa-PB, quando questionado sobre como foram os primeiros dias e as primeiras semanas no CAVN, afirmou:

Os meus primeiros dias e semanas, como eram momentos de adaptação, não foi muito legal. Cheguei no colégio com 14 anos de idade; nunca tive experiência de conviver fora de casa desse tipo. Nunca saí perto dos pais. Pra mim, aqui é outro mundo. Foi muito difícil (informação verbal⁷).

⁷ FREITAS, Rodrigo Silva. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Rodrigo Silva Freitas sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

Ademais, registram-se manifestações culturais heterogêneas adotadas pelos alunos que, majoritariamente, são os residentes na própria cidade de Bananeiras e na cidade vizinha, Solânea, que também faz parte do CAVN. Alguns discentes relataram não ter vivenciado muitas dificuldades de adaptação nos primeiros dias e semanas. Para eles, tudo aconteceu naturalmente, até porque nasceram na cidade onde se encontra o colégio. Então, desde a infância, já estavam de certa forma familiarizados com a instituição. Isto facilitou sobremaneira a adaptação. Contudo, a atribulação mais relatada foi o fato de algumas matérias serem um pouco diferentes em relação ao ensino médio.

Na sequência das informações obtidas junto aos alunos que moram nas imediações do CAVN, os quais foram inquiridos com as mesmas perguntas, o informante Ayirton Ravelles de A. Rodrigues (16 anos, aluno do 1º ano de curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio), de Bananeiras, explicou: “Os meus primeiros dias e semanas no colégio foram tranquilos, porque, como já sou da cidade na qual pertence o colégio, não sinto muita diferença, porque desde criança frequentava o colégio com os meus pais” (informação verbal⁸).

No entanto, apesar do grau de complexidade mais intenso para alguns dos primeiros dias de adaptação, isto revela que as formas de adaptação e, por conseguinte, a maior e mais rápida aceitação desse novo mundo, como também as formas de resistência a ele, dependem de elementos anteriores à chegada dos alunos ao colégio. Ao se integrarem em uma nova dinâmica, poderão ou não passar por transformações forçadas, entre outras questões, pelo conjunto de relações estabelecido entre os novos amigos, bem como pelas normas da instituição escolar. Nesse sentido, Berger (2006, p.159) argumenta que

[...] as instituições tendem a perdurar, a menos que se tornem "problemáticas". As legitimações supremas reforçam inevitavelmente estas tendências. Quanto mais abstratas são as legitimações, menos probabilidade têm de se modificarem de acordo com as exigências.

Dessa forma, levando em consideração a instituição do CAVN, esta faz parte de um órgão federal de ensino técnico profissionalizante, como aparelho máximo de representação do núcleo estudantil do ensino técnico. Conforme pontua Berger (2006), as instituições legítimas têm o poder de punir. Como não poderia ser diferente, o CAVN dispõe de um estatuto interno de punição para os alunos que praticarem atos inconvenientes às normas do

⁸ RODRIGUES, Ayirton Ravelles de A. *Entrevista semiestruturada*. Transcrição da entrevista de Ayirton Ravelles de A. Rodrigues sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

estatuto interno da instituição. Porém, com base nas informações obtidas durante as entrevistas concedidas pelos informantes, inclusive os residentes, muitos se manifestaram no sentido de que as punições não são severas, a não ser em casos extremos, quando a infração cometida chama a atenção do público em geral.

Durante as entrevista, pude perceber, a partir da observação do cotidiano escolar e por meio das informações obtidas junto a alguns estudantes, a existência de proibições na instituição, tais como: o consumo de bebidas alcoólicas nos alojamentos, som ligado em volume elevado e pernoite de meninos e meninas nos alojamentos. Todavia, constatei que esse tipo de comportamento é recorrente entre os estudantes, mesmo quando estão sob vigilância. É comum, em cada ano letivo, uma ou outra jovem com idade entre 17 e 18 anos engravidar nas dependências do colégio.

Na entrevista com o estudante Rodrigo Silva Freitas (18 anos, aluno do 1º ano do curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio), de João Pessoa, ao ser inquirido sobre o que mais havia lhe causado estranhamento quando chegou ao colégio, o informante respondeu:

O que eu estranhei mais é questão dos horários das aulas, que são muito puxados, e a questão também de trancar o alojamento a partir das 11 horas da noite e é aberto só às 5 horas do dia seguinte. Aqui temos o horário de recolher nos alojamentos e horário de sair. Quem não tiver no momento, fica do lado de fora até a guarda aparecer para abrir o portão. E outra coisa que eu não gostei também foi questão das festas que o pessoal fica bebendo e bagunçando e não deixa os outros estudando (informação verbal⁹).

É possível que alguns dos entrevistados tivessem opiniões divergentes das ideias e crenças típicas de seu lugar de origem. Desse modo, percebi que os alojamentos dos jovens estudantes do CAVN eram lugares onde cada um podia expressar seus sentimentos, assim como o seu direito.

Os alunos que não cumprirem as regras serão punidos e suspensos de acordo com a gravidade dos atos. Porém, durante a pesquisa, constatei que alguns alunos desafiavam as normas e as regras da instituição. Normalmente, todos os estudantes, a partir das 23 h. 00 min., têm por obrigação estar no alojamento. Contudo, na maioria das vezes, isto não ocorre. Muitos chegavam fora do horário, mesmo ciente da presença do guarda dos alojamentos. Alguns alunos, por seu turno, fazem de tudo para entrar no alojamento, evitando ficar do lado

⁹ FREITAS, Rodrigo Silva. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Rodrigo Silva Freitas sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 02; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

de fora. Dessa forma, como se comentou a respeito do assunto, alguns consideram sempre chegar atrasados. Como o guarda do alojamento tem amizade com alguns alunos, termina por facilitar a entrada deles no alojamento, mesmo tendo chegado altas horas da madrugada, portanto bebidas alcólicas e, acima de tudo, incomodando os outros estudantes que também moram na mesma residência.

3.3 Fases de adaptação e convivência dos jovens estudantes do CAVN

No processo de adaptação dos estudantes do CAVN, oriundos de diferentes municípios e Estados brasileiros, a saber: Paraíba, Rio Grande Norte e Pernambuco, apresenta-se uma grande variedades de condições de interação dentro do grupo, socialmente diferenciado por valores culturais e sociais. Assim, levando em consideração o conceito de adaptação, Giddens (2003, p. 274) explica que,

usado num contexto social, o conceito de adaptação pode provar-se caracteristicamente: 1) vazio, ou seja, tão amplo e vago em seu significado a ponto de tornar-se mais perturbador do que esclarecedor, ou 2) implicado uma pretensão de explicação funcionalista especiosa e logicamente deficiente, ou 3) envolvido na afirmação de tendências dinâmicas em sociedades humanas que são demonstravelmente falsas.

Anthony Giddens compreende que a adaptação é caracterizada por um meio social envolvendo indivíduos, podendo gerar dificuldades para alguns deles, os quais nunca tiveram oportunidade de enfrentar esse tipo de comportamento distante dos familiares. A adaptação não se refere apenas à questão entre sociedade e natureza. Há indivíduos que encontram formas revolucionárias de se enquadrar no grupo, ou seja, no meio de convivência.

A noção de adaptação pode ser usada de modo razoavelmente preciso na biologia, donde deriva, quando seu significado usual deve referir-se a modos pelos quais o pool genético de organismos é influenciado pela interação com o meio ambiente como resultado de traços de sobrevivência seletiva. A "adaptação" talvez possa ser formulada de modo convincente na ciência social se tomada como um rótulo geral referente à gama de processos pelos quais os seres humanos respondem a características de seus ambientes físicos e as modificam (GIDDENS, 2003, p. 274-275).

O referido autor assinala que a adaptação tornou-se uma noção a tal ponto difusa, que inclui todas as possíveis fontes de influência sobre a organização e a transformação sociais.

Além de ser um processo longo, variável de pessoa para pessoa, a adaptação pode ser percebida no decorrer do comportamento de todos os envolvidos nesse processo.

Questionei sobre a importância do processo de adaptação dos estudantes do colégio na aplicação das entrevistas com jovens de diferentes áreas de formação profissionalizante. Quando, por exemplo, indagamos a Ravelane Rayane Oliveira dos Santos (20 anos, aluna do 2º ano do curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA), de Maturéia-PB, o que mais lhe havia causado estranhamento ao chegar ao colégio, ela afirmou:

O que eu estranhei aqui no colégio são alguns comportamentos de alguns alunos. Como, por exemplo, derrubar copos, bandejas de comida, jogar comida nas paredes, gritaria no restaurante universitário, isso acontece mais na hora do almoço e no jantar; tudo isso, acho, é a falta de educação dos alunos. Em termos do colégio, não estranhei porque, como venho de uma cidade pequena, lá você tem só o básico, aqui não, para diferença de uma cidade pequena, aqui tem tudo o que você necessita, porque se você precisa de uma biblioteca, aqui tem uma boa biblioteca. Se realmente você quer estudar, tem LABIFI (laboratório de informática) para quem não tem condição de comprar o computador. E tem também várias outras coisas, como o ginásio do esporte, para quem gosta do esporte; tem piscina, para quem gosta de final de semana tomar banho de piscina. Portanto, para mim, a estrutura do colégio é muito boa (informação verbal¹⁰).

Apesar das dificuldades encontradas, os valores sociais são muito mais fortes, justificando o enfrentamento de qualquer barreira em busca de formação. Esta parece ser a maior prioridade apontada no decurso do processo de investigação, implicando as dificuldades de adaptação e de convivência com pessoas estranhas.

No afã de identificar alguns comportamentos dos alunos em relação aos momentos difíceis enfrentados pela maioria, tudo parece não passar de uma fase de experiência, a qual cada um carregará pelo resto da vida, através da convivência cotidiana.

Na compreensão do fenômeno urbano e rural, compreendi que, de um modo geral, os alunos dos cursos técnicos, que vieram das regiões urbana e rural de municípios dos Estados da Paraíba, Rio Grande Norte e Pernambuco, vivem um choque cultural assim que chegam ao CAVN.

3.4 Os rituais de iniciação nesse novo campo social (trotos, festas, atos de acolhimento)

¹⁰ SANTOS, Ravelane Rayane Oliveira dos. *Entrevista semiestruturada*. Transcrição da entrevista de Ravelane Rayane Oliveira dos Santos sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 02; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

Na identificação do novo mundo social, atuam seres sociais que se relacionam dentro de um grupo social dotado de grande diversidade comportamental, envolvendo os alunos do CAVN que compartilham de manifestações rituais. Esses rituais se fortalecem e são transmitidos às gerações de alunos novatos que ingressam na instituição para adquirir formação técnica e profissionalizante.

Na conjuntura ritualística, cultural e social dos jovens estudantes do CAVN, os rituais são formas de recepção dos alunos recém-chegados, de modo a integrá-los ao grupo que manifesta esse tipo de comportamento. Neste contexto, constatando a vigência de certos tipos de comportamento ritualístico entre os alunos do curso técnico profissionalizante, procurei compreender a dinâmica desses rituais. Para Rodolpho (2004, p. 139),

[...] os rituais, nesse sentido, concedem autoridade e legitimidade quando estruturam e organizam as posições de certas pessoas, os valores morais e as visões de mundo. [...] os rituais emprestam formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social. As formas estabelecidas para os diferentes rituais têm uma marca comum: a repetição. Os rituais, executados repetidamente, conhecidos ou identificáveis pelas pessoas, concedem uma certa segurança. Pela familiaridade com a(s) sequência(s) ritual(is), sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sentimentos, enfim, temos uma sensação de coesão social. É assim que entendemos a citação dos autores: “cada ritual é um manifesto contra a indeterminação”: através da repetição e da formalidade, elaboradas e determinadas pelos grupos sociais, os rituais demonstram a ordem e a promessa de continuidade destes mesmos grupos.

Segundo o autor, os rituais podem ser seculares ou religiosos. Ambos mostram o invisível. Contudo, os rituais seculares demonstram as relações sociais (civis, militares, éticas, festivas). Nessa relação de agrupamento social entre estudantes do CAVN, endosso o pensamento de Rodolpho (2004), considerando o fato de que os alunos recém-chegados são envolvidos na prática ritualística conhecida como “banho de fera”. Ela consiste em jogar os novatos na piscina disposta no centro da praça do colégio, próxima aos pavilhões de aula.

Tal prática ritualística é feita pelos alunos veteranos quando chegam os estudantes novatos, para serem “batizados” na piscina do colégio. A prática acontece prioritariamente nos horários após o almoço, no próprio restaurante do CAVN, e no horário do jantar, assim que os alunos terminam a refeição. Um grupo de estudantes veteranos planeja a estratégia para “capturar” o aluno novato da mesma classe, ou seja, da mesma residência, para atirá-lo dentro da piscina. Vale ressaltar que as águas da piscina não são nada agradáveis, repletas de rãs e de sujeira. Esse tipo de comportamento é caracterizado como um símbolo ritual marcado

para os recém-chegados. Alguns alunos repudiam esse tipo de comportamento, mas os praticantes não são reprimidos por parte da diretoria e as práticas continuam como tradição cultural, herdada ao longo da existência do CAVN.

Ao levar em consideração essa tradição cultural e ritual, com relação à vida escolar dos estudantes, ela representa, para alguns, uma forma de aproximação, de criar laços de amizade entre eles, enquanto, para outros, que se posicionam contrariamente ao “banho de feras”, trata-se apenas de um trote aos calouros.

Esse comportamento entre os estudantes é infligido a cada novato. Quem passou pelo ritual já é considerado veterano. Em seguida, quando a próxima geração de alunos novos ingressar na escola, é permitido aos alunos mais antigos participar ativamente do “banho de feras”.

Desse modo, ao presenciar esse tipo de comportamento, como pesquisador, na entrevista com Ravelane Rayane Oliveira dos Santos (20 anos, aluna do 2º ano de curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA), de Matureia-PB, questionei-a sobre isso, ao que ela respondeu:

Foi normal. Ninguém mexeu comigo, eu também não mexi com ninguém, foi tudo normal. Não houve *bullying* comigo, mas acontece com outras pessoas. O *bullying* que eles fazem é do tipo com água suja, e cantam músicas para os novatos que acabaram de chegar no colégio. Acho que é uma “leseira” que eles fazem com os novatos, de jogar as pessoas na fonte, tipo piscina que fica no centro da praça do colégio, próximo dos blocos de aula, para tomarem banho sujo com roupas, e outros pertences. É impressionante como eles fazem aquilo com as pessoas. E outra coisa, cantam a música ao mesmo tempo. E eles fazem da mesma forma com a pessoa que acabou de completar ano, no dia do aniversário dele ou após, pegam de qualquer jeito, não tem como escapar. É muita gente correndo atrás do cara até pegar. Mas eles consideram que tudo não passa de uma brincadeira de se enturmar com os colegas de classe (informação verbal¹¹).

Esse comportamento dos estudantes, para muitos, é de extremo constrangimento, podendo afetar o calouro do ponto de vista emocional, causando até mesmo o desligamento dele do curso, por não se conformar com a atitude dos companheiros que praticam esse tipo de *bullying*, de violência. Para alguns, é uma falta de respeito ao colega, jogado numa piscina cheia de sapos e de lodo. É o que mostram as Figuras 03 e 04:

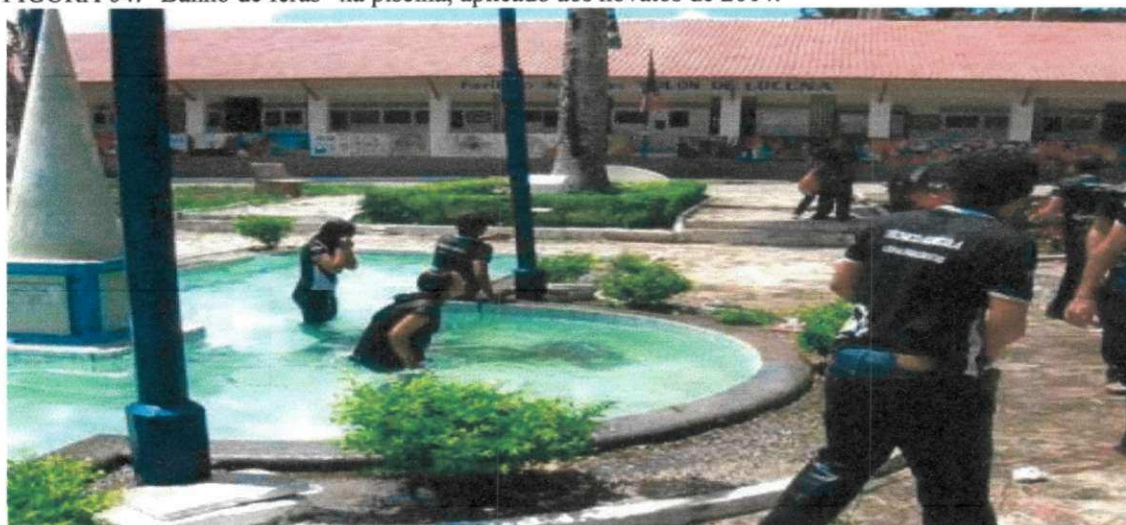
¹¹ SANTOS, Ravelane Rayane Oliveira dos. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Ravelane Rayane Oliveira dos Santos sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 03; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

FIGURA 03: Momentos do “banho de fera” no dia do aniversário do aluno (2014).



Fonte: <<http://www.youtube.com/watch?v=zndJYa4CubI>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

FIGURA 04: “Banho de feras” na piscina, aplicado aos novatos de 2014.



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=f_xy532ikoU>. Acesso em: 26 jul. 2014.

Na fala da vítima da brincadeira, há superação e força de vontade para estudar. Contudo, ela mostrou a insatisfação de ser contrária a esse tipo de comportamento; até mesmo pensou em desistir do curso. Mas, atribuir valor à vida e, conseqüentemente, desprezar a conduta dos agressores foi a única saída encontrada para esse aluno permanecer no curso. Entretanto, sabemos que nem todos os jovens pensam e agem dessa forma.

Observando a visão dos alunos sobre os rituais dos veteranos dos cursos técnicos do CAVN, o informante Gustavo Gomes Lima (15 anos, aluno do 1º ano do curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio), de Cuité-PB, quando inquirido pelas mesmas perguntas, informou:

O que eu estranhei mesmo foi a bagunça que os veteranos fazem conosco, cantando as músicas para depois nos jogar na piscina que fica na praça do colégio. Assim que eles começaram a fazer isso com a gente, eu inclusive fico revoltado com a vontade de desistir do curso. Mas, com o tempo, comecei a perceber que é uma forma de brincadeira e aproximação. Isso faz parte de uma tradição cultural do próprio colégio. Esse banho só é dado para as pessoas que acabaram de chegar no curso, como também para os aniversariantes que acabaram de completar o ano. Tudo passa apenas por uma brincadeira de se enturmar mais com o pessoal (informação verbal¹²).

Diante dos fatos encontrados no CAVN, trata-se de situações complexas para alguns estudantes, enquanto que, para outros, é uma forma de status, de exercer o poder dentro do grupo. Desta feita, esse tipo de ritual

pode [...] ser representado como um signo que é popularmente chamado de “*símbolo de status*”¹³, embora a expressão “símbolo de prestígio” possa ser mais exata, já que o primeiro termo é empregado de modo mais adequado quando o referente é uma determinada posição social bem organizada. Símbolos de prestígio podem ser contrapostos a *símbolos de estigma*, ou seja, signos que são especialmente efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade que quebra o que poderia, de outra forma, ser um retrato global coerente, com uma redução consequente em nossa valorização do indivíduo. A cabeça raspada das colaboracionistas da segunda guerra mundial, assim como certos solecismos usuais, através dos quais uma pessoa que quer imitar as maneiras e as roupas da classe média repete erradamente uma palavra ou a pronuncia várias vezes de maneira incorreta, são exemplo disso (GOFFMAN, 1988, p.53).

3.5 Causas de evasão nos cursos profissionalizantes

É importante apresentar o movimento de desistência do aluno que, após matriculado, não assiste às aulas ou desiste do curso no decorrer de qualquer etapa. Este é um dos grandes problemas enfrentados pela diretoria do CAVN. Todos os anos, ocorre a situação de evasão dos cursos profissionalizantes.

¹² LIMA, Gustavo Gomes. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Gustavo Gomes Lima sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

¹³ Grifos do autor.

Pude depreender que os alunos, quando chegam ao colégio, estão aparentemente otimistas, com a intenção de se formar numa determinada área. Mas, ao longo do tempo, começam a surgir outras possibilidades de mudança de curso ou dá-se a escolha de uma nova atividade em busca de melhoria da condição financeira. Este é um problema comum a outras instituições de ensino do país. Como demonstram os dados da UNESCO sobre as causas da evasão,

[...] a partir de uma pesquisa qualitativa realizada pela UNESCO, em 2004, sobre as juventudes brasileiras - que teve a pretensão de levantar uma gama de aspectos sobre os jovens de 15 a 29 anos. Tal estudo permitiu o entrecruzamento de uma série de variáveis que interferem e circunscrevem a vida dos jovens, assim como o local de moradia, cor/raça, sexo, classe social, estar estudando, trabalhando, estudando e trabalhando, ou em nenhuma dessas situações (UNESCO, 2004, p.199).

No tocante à pesquisa apresentada pela UNESCO, há pontos de contato com relação aos dados que obtive durante o período da pesquisa de campo com estudantes da mesma faixa etária, entre 15 a 29 anos de idade, que fazem parte das mesmas categorias dos grupos pesquisados. Assim, justifica-se o que ocorre praticamente em todos os anos nos cursos técnicos profissionalizantes do CAVN em termos de evasão.

Outrossim, verifiquei os fatores de maior influência nessa tomada de decisão dos alunos de abandonar o curso. Relaciono a evasão às seguintes situações relatadas: 1) por fatores de transição, quando os alunos são aprovados no vestibular; 2) transferência para outro colégio mais próximo da cidade de origem; 3) estar empregado; 4) saudades dos familiares e do lar; 5) inadequação à comida servida no restaurante universitário; 6) inadaptação ao clima frio da cidade; 7) problemas de relacionamento com os colegas da turma; 8) término de relacionamento amoroso; 9) perda de um familiar próximo; 10) dificuldades em acompanhar as matérias do curso, devido à carga horária elevada. No ensino médio, as cargas horárias são menores, mas, no CAVN, o ritmo é intenso, devido à existência de outras disciplinas nunca vistas naquele nível de escolaridade.

Estes são os 10 motivos que mais influenciam a evasão escolar de alunos do CAVN, conforme foram apresentados. A informante Ravelane Rayane Oliveira dos Santos (20 anos, aluna do 2º ano de curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA), de Matureia-PB, apresentou a seguinte percepção sobre como foram os primeiros dias e as primeiras semanas no CAVN:

Os meus primeiros dias de semana no colégio foi complicado, não por causa da estrutura do colégio, até porque a estrutura é ótima para quem quer alguma coisa na vida. Mas, sim, no meu caso, por exemplo, estar longe da família, coisa que eu nunca fiz, ficar longe da minha mãe, do meu pai e dos meus irmãos. Portanto, eu não sabia andar só, sempre com a minha mãe, tudo o que eu fazia tem que ter alguém por perto me acompanhado, mas aqui no colégio você tem que ter a sua vida própria se quer ser alguém (informação verbal¹⁴).

No colégio, a maioria dos alunos vem da zona rural, não tendo vivenciado antes a experiência de passar muito tempo longe do lar, ou seja, de conviver com pessoas não pertencentes ao ciclo familiar. Por vezes, isto dificulta a permanência deles na instituição.

3.6 As perspectivas de vida acadêmica durante a jornada estudantil para o mercado de trabalho dos jovens que concluíram o curso profissionalizante

Os estudantes são incentivados pelos professores de que existe mercado de trabalho nas suas áreas de formação quando concluírem os cursos profissionalizantes. Assim que se formam, a tendência é que os bons profissionais sejam contratados por empresas privadas.

Ao perguntar aos jovens o que pretendiam fazer quando concluíssem o curso técnico profissionalizante, as respostas foram variadas, sendo, contudo, possível descrevê-las mediante alguns pontos fundamentais apresentados. Majoritariamente, os alunos pretendem dar continuidade aos estudos, inclusive fazer faculdade, como pude perceber na declaração da informante Carmelita Érica Azevedo de Lucena (20 anos, aluna do 1º ano de curso técnico em Aquicultura subsequente – pós-médio), de Patos-PB, ao ser inquirida sobre o motivo da escolha do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN:

Escolhi o colégio para estudar através das palestras dos professores. E outra coisa também que me incentivou muito é que na minha cidade existe uma nova aliança entre cidades da região para fazer associação de Apicultores em diferentes cidades. Mas, como lá não tem técnicos na área, o presidente da Associação de Apicultores ficou sabendo da existência do colégio. Fiz um apelo aos professores para conhecer o projeto daquela comunidade e dar as palestras. A gente assistiu e viemos para fazer o curso aqui, para quando terminar voltar lá dando a assistência para a população daquela região e dar a continuidade ao projeto que está sendo implantado em benefício da comunidade em geral. Pretendo me tornar uma profissional. Aí surgiu uma entrevista de concorrer à vaga de ser bolsista do PROBEX (Programa de Bolsa de Extensão) para dar assistência aos produtores do município de Bananeiras. Foi ótimo, adorei ter vindo pra cá, eu era muito insegura, sabe,

¹⁴ SANTOS, Ravelane Rayane Oliveira dos. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Ravelane Rayane Oliveira dos Santos sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 04; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

aquela coisa como que eu chegaria para um produtor, quando ele me perguntar alguma coisa sem saber responder? Mas agora, sem dúvidas, quando um produtor me fizesse qualquer pergunta, com certeza vou ter condições de responder (informação verbal¹⁵).

Pude constatar que 80% dos entrevistados provavelmente pretendiam continuar estudando. Apenas 20% dos alunos almejavam entrar no mercado trabalho logo após o término do curso técnico profissionalizante, com a intenção de ajudar os familiares ou apenas estar junto à família, tomando parte do trabalho agrícola.

Desse modo, compreendi haver muito esforço e dedicação conjunta por parte de professores e alunos, com o objetivo de atingir a meta de tornar os discentes bons profissionais nas diferentes modalidades de cursos profissionalizantes. Portanto, durante a jornada acadêmica, essas são as metas que motivam boa parte dos alunos. Entre eles, desponta a vontade de se esforçar mais para concluir o curso o mais rápido possível, para logo ingressar no mercado de trabalho ou mesmo ir ajudar a família, empoderados pela formação técnica adquirida.

Aqueles que pretendiam, após do término do curso técnico, ingressar no mercado de trabalho, demonstraram a necessidade de trabalhar devido às dificuldades financeiras dos próprios familiares em custear a sua permanência nos estudos. Este fator leva alguns jovens estudantes a optar pela inserção no mercado de trabalho por conta própria. Todavia, a maioria dos jovens entrevistados pretende dar continuidade aos estudos após concluir o ensino técnico profissionalizante.

Na entrevista com o informante Luís Carlos Bernardinho (19 anos, aluno do 2º ano do curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA), de Bananeiras-PB, ao ser perguntado sobre o porquê da escolha do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, ele assim se expressou:

Escolhi o colégio para estudar porque é um colégio bem conceituado, bem conhecido no Brasil e em toda região do brejo Paraibano, pela sua história. Então, optei para estudar aqui no colégio para um dia me tornar um técnico em Agropecuária. Desde pequeno que eu trabalho com agricultura. Por isso, quero me tornar um técnico (informação verbal¹⁶).

¹⁵ LUCENA, Carmelita Érica Azevedo de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Carmelita Érica Azevedo de Lucena sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

¹⁶ BERNARDINHO, Luís Carlos. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Luís Carlos Bernardinho sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

Na sequência, para descobrir mais informações sobre o que foi assinalado pelos alunos a respeito da decisão de estudar no CAVN, para a informante Rosane Kelly Costa de Araújo (16 anos, aluna do 3º ano do curso técnico em Agroindústria integrado ao ensino médio), de Solânea-PB, elucidou:

Escolhi o colégio para estudar porque já sai com a indicação para o mercado de trabalho, e sai também com o certificado de um curso profissionalizante em Agroindústria. Assim, será favorável para arrumar emprego para minha vida (informação verbal¹⁷).

Na conjuntura dos informantes, fica patente que a maioria é filha de agricultores, movida pela perspectiva de um dia regressar e ser útil à própria comunidade, como também atuar na área de formação técnica aplicada à agricultura e à sustentabilidade. Transcende-se uma questão pessoal delimitada durante a formação do curso técnico, incluindo a possibilidade de encontrar sucesso na área específica de formação. O sucesso financeiro desponta como fator primordial de sustentabilidade pessoal e social.

Entrevistei jovens de cada área de formação do curso técnico em todas as modalidades dos cursos apresentados na pesquisa. Estes foram caracterizados de acordo com as áreas de formação disponibilizadas pela instituição, a saber: laboratório de fitoplâncton e zooplâncton, caprinocultura, suinocultura, avicultura, piscicultura e bovinocultura. Percebi que a necessidade maior dos alunos entrevistados era terminar a formação técnica e prosseguir com os estudos através do ingresso em um curso superior. Para alguns, a formação técnica funcionava como uma estratégia para obter a aprovação no vestibular; para outros, significava atuar como profissional na área de formação técnica específica, como também obter a aprovação em um concurso público, com a capacidade de exercer a profissão de acordo com a formação técnica adquirida. As imagens a seguir ilustram os afazeres de cada área de atuação profissional oferecida pelo CAVN:

¹⁷ ARAÚJO, Rosane Kelly Costa de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Rosane Kelly Costa de Araújo sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

FIGURA 05: Aula prática no laboratório de fitoplâncton e zooplâncton.



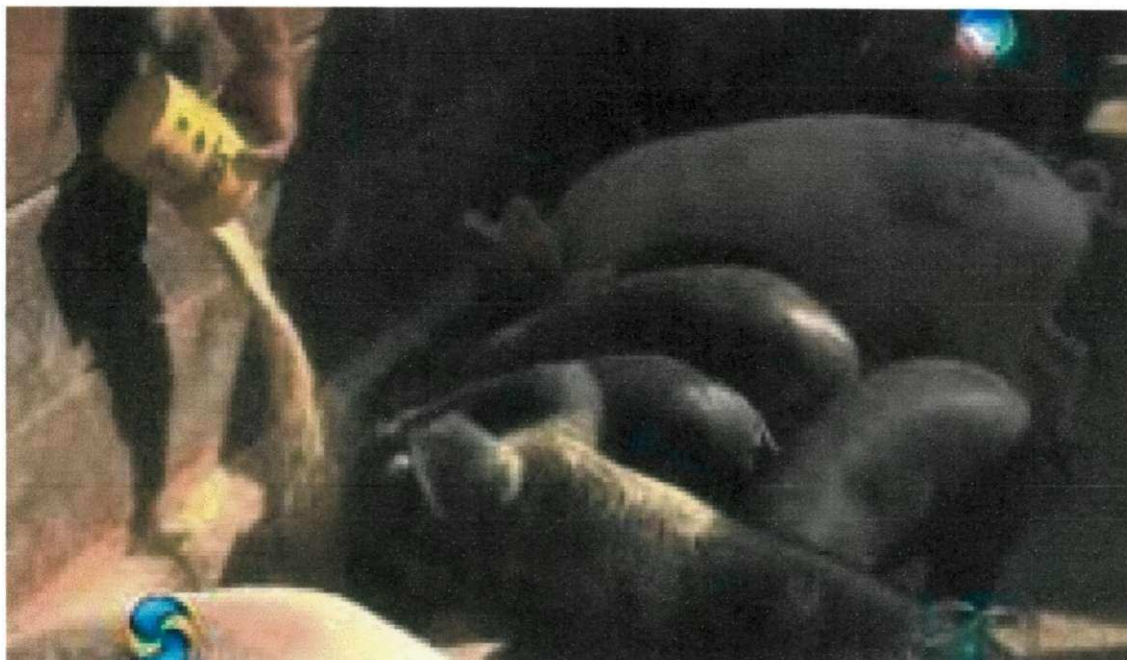
Fonte: <<http://xeufalarcoisaboa.blogspot.com.br/2011/08/cavn-meu-colegio-meu-orgulho.html>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

FIGURA 06: Caprinocultura.



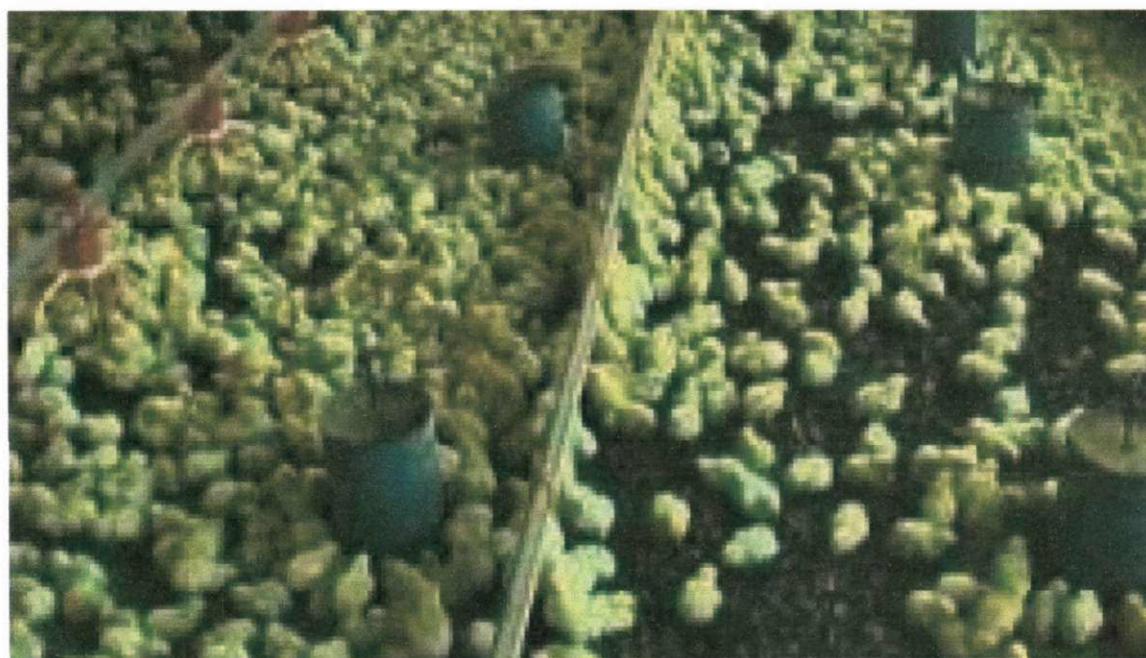
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

FIGURA 07: Suinocultura.



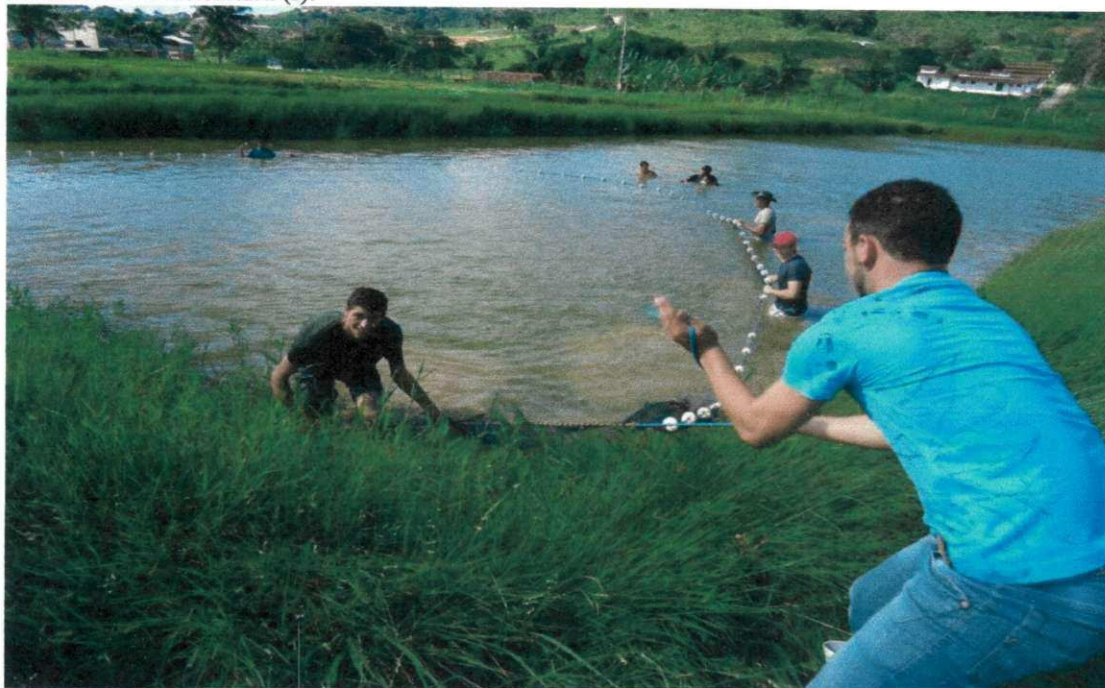
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

FIGURA 08: Avicultura.



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

FIGURA 09: Piscicultura (I).



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

FIGURA 10: Piscicultura (II)



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

FIGURA 11: Bovinocultura.



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

Para compreender melhor o universo dos jovens estudantes, priorizei a análise da convivência entre eles. Os estudantes chegam ao colégio agrícola após realizar as provas seletivas, sendo trazidos pelos pais. Para melhor empreender minhas análises, procurei estabelecer o perfil dos alunos em diferentes modalidades do ensino profissionalizante, o dia-a-dia destes jovens, as formas de convivência entre eles, assim como os demais elementos que poderão figurar no trabalho. Estes foram os pontos de “aproximação” que me permitiram dar continuidade à investigação cujo produto é a presente dissertação.

Portanto, no Capítulo III, foram analisados estatisticamente os dados produzidos - as linhas temáticas a partir da realização das entrevistas individuais com 20 jovens no total, a aplicação de questionários, a análise das fichas cartográficas, representando uma amostra dos estudantes do CAVN matriculados no ano de 2013. Além disso, adotei o método de observação participante na referida instituição de ensino, a qual faz parte do câmpus III da Universidade Federal da Paraíba, localizada na região do brejo paraibano no município de Bananeiras, como já indicado anteriormente.

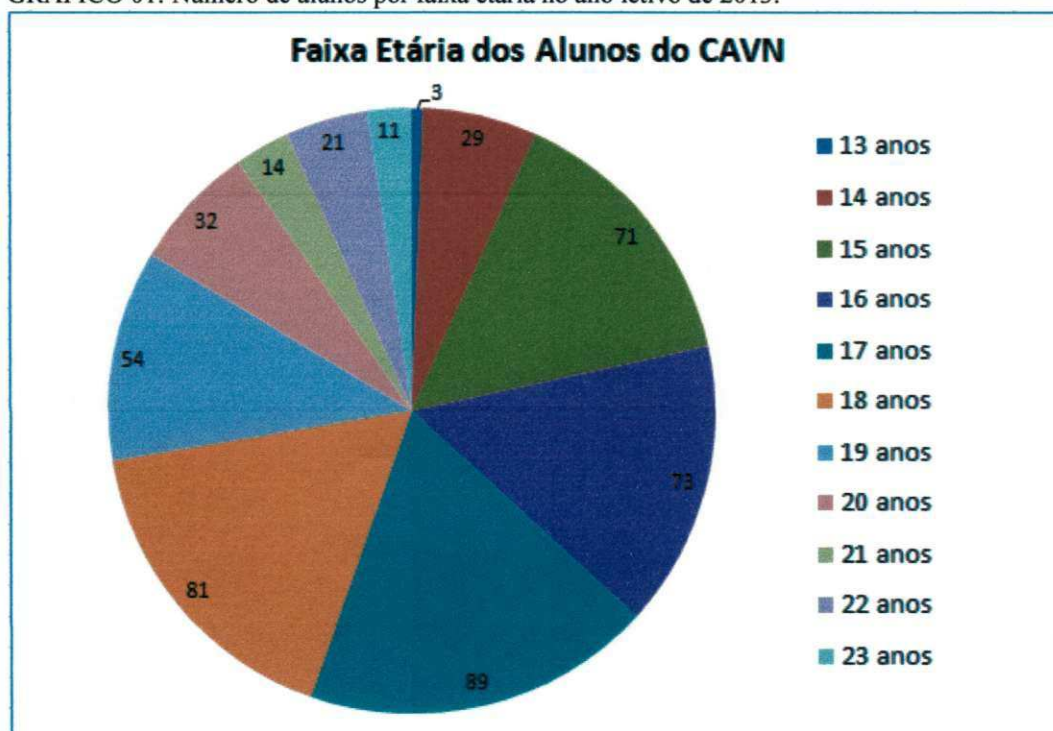
Na tentativa de ponderar os muitos agrupamentos de estudantes, busquei perceber, observar e conviver com os efeitos do momento, porém sempre me mantendo firme na busca por resultados positivos, capazes de ser acolhidos e tratados em todos os processos de análise.

Destarte, investiguei o processo de mudança dos jovens provenientes de lugares distantes e que eram residentes no colégio, tendo se deslocado das suas cidades de origem à procura de melhores condições de capacitação profissional, com vistas a progredir para uma vida melhor junto aos familiares.

Ao perceberem, apesar das dificuldades encontradas, os valores sociais, os alunos, em geral, sentiam-se mais fortes no sentido de que enfrentar qualquer barreira em prol da formação almejada, sendo esta a maior prioridade elencada ao longo do processo de investigação, incluindo as dificuldades de adaptação e de convivência com o outro. Com base no objetivo de identificar alguns comportamentos dos alunos em relação aos momentos de tribulação enfrentados por boa parte deles, apreendi que, para os informantes, tais momentos eram vistos como uma fase de experiência individual, a qual pode ser considerada como uma etapa importante para o enfrentamento de futuros desafios ao longo da carreira.

Demonstrarei doravante as categorias referentes ao universo da amostra distribuídos sob a forma de gráficos, cuja representação foi organizada por faixa etária, cidade de origem e situação residencial dos informantes.

GRÁFICO 01: Número de alunos por faixa etária no ano letivo de 2013.



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

Os dados apresentam um total de 478 alunos matriculados no CAVN no ano letivo de 2013 por faixa etária. Esta distribuição se diferencia daquela típica de uma escola que trabalha apenas com o ensino médio pela grande distribuição de idades, abrangendo dos 13 aos 23 anos.

Conforme comentado anteriormente, o CAVN oferece cursos técnicos de nível médio na forma integrada, nos quais os alunos cursam o ensino médio e profissionalizante simultaneamente, e também na forma subsequente, na qual os alunos cursam apenas as disciplinas da parte profissional por já haver concluído o ensino médio.

Um aluno que inicia o ensino fundamental na idade prevista, ou seja, aos 5 anos, ingressa no ensino médio aos 14 anos. Porém, alguns discentes são matriculados no nível fundamental com idade inferior a 5 anos, proporcionando um ingresso precoce no ensino médio, aos 13 anos, como apresentado no gráfico 01.

A maior parcela de alunos (77%) se concentra entre 15 e 19 anos de idade, a maioria tendo 17 anos (18,6%). Isso se explica pelo fato de os alunos que ingressam nos cursos subsequentes serem concluintes do ensino médio (cuja idade provável de conclusão se dá em torno dos 17 anos). Alunos que estão concluindo os cursos integrados também apresentam esta idade.

Ainda conforme o gráfico 01, 16,3 % dos alunos regularmente matriculados possuem idade superior a 20 anos, ou seja, estão fora da faixa etária prevista para cursos de ensino médio. Porém, este fator resulta da procura por uma maior qualificação profissional com vistas ao mercado de trabalho. Essa faixa etária é composta predominantemente por alunos dos cursos subsequentes e do curso integrado na modalidade PROEJA.

O gráfico a seguir apresenta a distribuição do número de alunos por cidades de origem. No ano letivo em questão, foram registradas 73 cidades da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. O gráfico apresentado não faz referência a todas as cidades mencionadas, tendo sido selecionadas as que renderam mais de 5 alunos para a instituição. Tomei esta providência para evitar o excesso de informação, dificultando a leitura do instrumento.

Como seria de se esperar, as cidades que mais têm alunos estudando no CAVN são Bananeiras e Solânea, onde o colégio se localiza. Os estudantes provenientes dessas cidades correspondem a 31% do corpo discente do CAVN.

GRÁFICO 02: Número de alunos por cidade de origem no ano letivo de 2013.

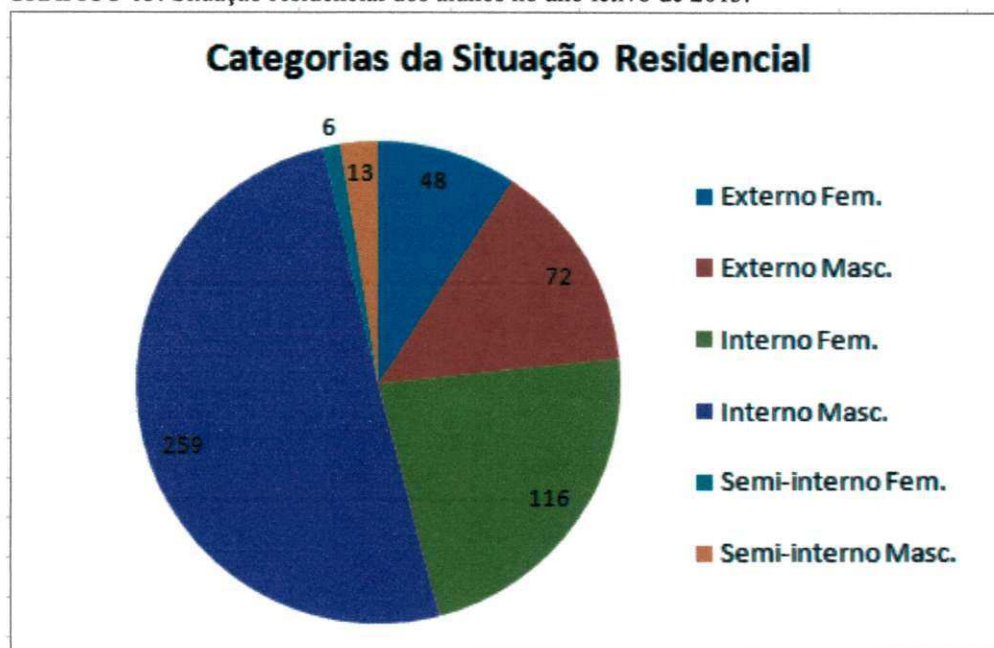


Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

Também se verificou a existência de alunos provenientes de cidades circunvizinhas, como Arara (23 km de distância), Borborema (15 km), Belém (20 km), Pirpirituba (25 km), Dona Inês (26 km) e Serra da Raiz (43 km). Porém, é surpreendente o número de alunos residentes em cidades distantes que o CAVN recebe. Por exemplo, Sumé (200 km de distância), Santo Antônio-RN (84 km), Livramento (195 km), Picuí (114 km), Cuité (116 km), São José dos Cordeiros (178 km), São Sebastião do Umbuzeiro (268 km), Nova Floresta (100 km), Acari-RN (162 km), Maturéia (252 km) e Zabelê (257 km).

Um dos principais motivos para a vinda desses alunos de localidades distantes, conforme relatado pelos discentes, foi a mudança de vida que o curso técnico do CAVN proporcionou a um familiar, amigo ou pessoa conhecida. Ressalta-se, ainda, que não só alunos da Paraíba vêm estudar no CAVN, mas também do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Este fator oferece a justa medida da área de atuação do colégio agrícola, bem como de sua importância para essa região do Nordeste brasileiro.

GRÁFICO 03: Situação residencial dos alunos no ano letivo de 2013.



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

Em função de a maioria dos alunos do CAVN vir de outras cidades que não Bananeiras e Solânea, cerca de 73% dos estudantes residem nas dependências do próprio colégio. O gráfico 03 traz a situação residencial dos alunos no ano letivo considerado. Como já foi dito, os internos têm direito à moradia e alimentação. E um dos critérios para se ter direito ao regime de internato é não residir na zona urbana das cidades de Bananeiras e Solânea. Muitos alunos da zona rural dessas cidades utilizam o internato e são raros aqueles de cidades circunvizinhas que não o utilizam.

Dentre os alunos externos, cerca de 23% não utilizam o internato ou fazem suas refeições no restaurante do CCHSA. Por fim, uma minoria dentre os alunos semi-externos (4%) não utiliza o internato, porém tem direito de realizar as refeições no colégio.

As questões de gênero também se destacam no CAVN. Enquanto os homens predominam, constituindo cerca de dois terços do alunado, o público feminino representa um terço. O interessante é que essa proporção se repete levando em conta as três modalidades do alunado. As características dos cursos e a necessidade de morar em regime de internato são dois dos fatores passíveis de produzir a relação observada.

De acordo com o questionário aplicado, verificou-se que, provavelmente, a amizade entre os alunos oriundos da mesma região, município ou Estado estabelece-se mais no signo da solidarização se comparada aos discentes que não se conhecem. Essa aproximação dos

alunos ao se encontrarem reflete sobremaneira as circunstâncias do processo de adaptação, agindo como uma força a mais para superar a solidão devido à distância dos familiares, destacando-se como um fator positivo nas fases do processo de adaptação.

Ao entrevistar Carmelita Érica Azevedo de Lucena (20 anos, aluna do 1º ano do curso técnico em Aquicultura subsequente – pós-médio), de Patos-PB, questionada sobre como havia tomado conhecimento da existência do CAVN, afirmou:

Foi através dos professores dos cursos técnicos em aquicultura. Eles foram dar a palestra na cidade de Olho d'Água, próximo de minha cidade, aí eu estava no momento assistindo à palestra. Isso fez com que eu fiquei logo interessada a fazer o curso técnico no colégio. Vim logo fazer a entrevista para o curso com quatro pessoas da minha cidade. Juntando com aqueles da mesma cidade onde aconteceu a palestra, ficou no total de 30 pessoas que vieram para fazer o curso técnico. Mas o pessoal da minha cidade desistiram; duas pessoas por motivo da rotina do curso, que é muito puxado. Apesar disso tudo, não fiquei sozinha. Fiz novas amizades com as pessoas da cidade vizinha. Mesmo assim, dos que desistiram do curso, ainda tenho o contato deles, de vez em quando a gente conversa (informação verbal¹⁸).

Baseando-se na informação, percebe-se que parte dos estudantes interessados em estudar no colégio tomou conhecimento de sua existência através da orientação dos pais, familiares e amigos que são ou foram alunos do colégio, conforme foi discutido no Capítulo II.

Isto demonstra, então, com base na pesquisa de campo empreendida, que parte considerável dos alunos entrevistados se enquadra nas categorias apresentadas acima, de forma que cada um conseguiu descobrir o colégio e se tornar aluno da instituição, tendo por meta principal obter um curso de formação técnica e profissionalizante, com a pretensão de se preparar adequadamente para o mercado de trabalho.

¹⁸ LUCENA, Carmelita Érica Azevedo de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Carmelita Érica Azevedo de Lucena sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 02; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

4. SOLIDÃO DEPOIS DO INGRESSO NO COLÉGIO

4.1 As atividades lúdicas realizadas nesse novo espaço

As atividades de lazer encontradas no CAVN são direcionadas para a prática desportiva em diferentes categorias e modalidades, incluindo vôlei, basquete, natação, futebol de salão e futebol de campo. Há espaço também para o aprimoramento da consciência musical. O colégio dispõe de banda marcial e aulas de música. As atividades lúdicas praticadas na instituição, assim como em outros colégios de formação técnica do Brasil, fazem parte do universo acadêmico, ao lado das outras disciplinas da grade curricular. Portanto, de acordo com Huizinga (2000, p. 142-143),

[...] no caso do esporte, temos uma atividade nominalmente classificada como jogo, mas levada a um grau tal de organização técnica e de complexidade científica que o verdadeiro espírito lúdico se encontra ameaçado de desaparecimento. Todavia, há outros fenômenos que parecem apontar no sentido oposto ao desta tendência para o excesso de seriedade. Surgem certas atividades cuja razão de ser depende inteiramente do interesse material e que em sua fase inicial não tinham nada a ver com o jogo, nas quais o elemento lúdico só pode ser coisas sérias que se transformam em jogo e nem por isso deixam de ser consideradas sérias. Estes dois fenômenos estão ligados pela força dos hábitos agonísticos, ainda universalmente dominantes, embora sob formas diferentes das de outrora.

Portanto, tudo o que foi apresentado faz parte das atividades de lazer encontradas no CAVN, concebidas enquanto forma de competitividade entre os envolvidos em cada curso. Essas atividades certamente contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos estudantes, com a finalidade de controlar a evasão dos jovens estudantes, para que possam prosseguir nos estudos.

De um modo geral, cada atividade desportiva foi criada para que os estudantes pudessem disputar o campeonato entre eles, organizado do seguinte modo: cada modalidade do curso profissionalizante é representada por um time de cada curso, os quais disputam o campeonato que ocorre em cada ano letivo.

Na demonstração do seguimento desportivo do CAVN, além de ocorrer a disputa entre os estudantes da instituição, eles também participam do campeonato de futebol de salão, envolvendo alunos dos cursos de nível superior que fazem parte dos campi da Universidade Federal de Paraíba (UFPB). Este campeonato se dá em João Pessoa e o vencedor do torneio é contemplado com medalhas e troféus.

FIGURA 12: Estudantes do CAVN participando do campeonato interescolar.



Fonte: <<http://cavnemfoco.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

FIGURA 13: I Gincana Recreativa com os Alunos Novatos de 2014 do CAVN, realizada pela Coordenação de Esportes com o apoio do Grêmio Estudantil.



Fonte: <<http://cavnemfoco.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

Eventos desta natureza são, a meu ver, a melhor maneira de receber os novos alunos, pois constituem uma oportunidade de se trabalhar valores como o entrosamento, as relações

interpessoais, o respeito, a união, o lazer, o companheirismo e o esporte. No que se refere às atividades de lazer dos estudantes, estas podem ser consideradas como forma de interação social entre os alunos, passíveis de fortalecer seus laços de amizade dentro e fora da instituição.

A interação desportiva é, mais do que nunca, considerada como uma forma estratégica de minimizar as saudades dos estudantes provenientes de cidades distantes. Outro ponto positivo é que a prática do esporte pode ser conciliada com os estudos.

A informante Ravelane Rayane Oliveira dos Santos (20 anos, aluna do 2º ano do curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA), de Matureia-PB, ao ser indagada sobre o que costumava fazer nos finais de semana, colocou-se nos seguintes termos:

Nos finais de semana, tem piscina e várias outras atividades esportivas. No meu caso, não gosto de tomar banho de piscina, devido a problemas de alergia, sou alérgica nos olhos, não posso ir para a piscina, aí ocupo o meu tempo com os projetos, sou voluntária no setor de ricultura. No sábado e domingo, o meu tempo passa voando. Eu posso dizer assim, sou uma pessoa, vamos dizer, solitária, porque sou totalmente ocupada, estou com projeto lá na parte de cima, no laboratório de mudas de plantas, vou lá limpar mato ao redor das plantas, tem que aguardar plantas, entre outras coisas (informação verbal¹⁹).

As respostas dos alunos sobre as atividades desportivas apontaram para o entendimento destas enquanto formas de interação com os colegas, capazes de auxiliá-los a superar a solidão. Com relação a este assunto, o informante Antônio Josiberg Bezerra (22 anos, aluno do 1º ano do curso técnico em Aquicultura subsequente – pós-médio) de São Sebastião de Umbuzeiro-PE, afirmou: “Nos finais de semana, gosto de ir para a pelada jogar futebol, ir para a piscina do colégio, entrar nas redes sociais, fazer algum trabalho e ir para a casa da minha namorada” (informação verbal²⁰).

A interatividade dos alunos em termos de lazer ocorre mediante diferentes modalidades desportivas, permitindo-lhes, além de superar o relativo isolamento, manifestar os seus talentos e habilidades nessas práticas. Vale lembrar que

os jovens, os adultos e os idosos, em suas comunidades, têm possibilidades concretas e inovadoras de serem protagonistas na ocupação de seu tempo

¹⁹ SANTOS, Ravelane Rayane Oliveira dos. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Ravelane Rayane Oliveira dos Santos sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 05; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

²⁰ BEZERRA, Antônio Josiberg. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Antônio Josiberg Bezerra sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

disponível do trabalho, ou de suas obrigações de natureza familiar, religiosa e fisiológica. O programa possibilita o exercício do que Marcellino (2002) cunhou de “duplo aspecto educativo do lazer”, ou melhor, é possível nos educar pelo lazer e para o lazer (BRASIL, 2007. p. 44).

Segundo Alves (2014), as atividades de lazer podem ser pensadas socialmente como forma de prazer individual ou coletivo para o bem-estar do indivíduo praticante. A decisão de escolha da prática pode ter a influência de terceiros ou ser de decisão própria. Destarte,

[...] as atividades de lazer são compreendidas, via de regra, associadas a dois quesitos básicos: prazer e livre escolha. As práticas de Lazer devem ter o caráter de prazer do indivíduo que está envolvido, ou seja, suas escolhas estão diretamente associadas ao prazer, ao bem estar em sua intervenção. A escolha destas atividades deve estar desprovida de qualquer tipo de compromisso, caracterizada pelo caráter pessoal e individual. Não que as atividades sejam necessariamente individuais, mas sim sua opção independe da vontade de terceiros. Acrescenta-se ainda que estas atividades sejam desenvolvidas em tempos fora das obrigações do trabalho, da família, da religião ou da política. O Lazer, compreendido como necessidade humana e manifestação cultural, pode ser caracterizado pela busca do prazer que faz determinados recortes diante do período sócio histórico em discussão (ALVES, 2014, p. 01).

As atividades de lazer, portanto, podem ser percebidas não só pelas suas práticas, mas como um meio de libertar os jovens da solidão, posto estarem distantes dos familiares. Por conseguinte, elas facilitam a convivência dos jovens, construindo entre eles um relacionamento melhor.

4.2 Convivência com a saudade de casa e controle das emoções de tristeza e alegria

No âmbito da convivência, despontam emoções de tristeza e alegria entre os estudantes do CAVN. Ao retratar essa realidade vivida nos momentos da pesquisa de campo, percebi que os alunos representantes do núcleo acadêmico, envolvidos no processo educacional da instituição, encontram-se vivenciando momentos desfavoráveis à permanência deles no colégio. Além disso, estão nessa situação inclusive os que vieram de cidades distantes, deixando os familiares para se dedicar aos estudos.

Desta feita, esses alunos manifestam as suas emoções através dos olhares que vêm se perpetuando em seus cotidianos. Sentimentos como angústia e sofrimento podem ser detectados através da convivência entre eles. Ao acompanhar todos esses processos de convivência entre os jovens estudantes ao longo da pesquisa de campo, venho fortalecendo, de modo geral, uma nova visão acerca dos momentos de aflição vividos por eles. Como

pesquisador, além de estar presente entre os estudantes, posso dizer que também passei por esses momentos dramáticos de crise emocional envolvendo tristeza e alegria por me encontrar distante dos familiares e amigos. Isso não é tão fácil para qualquer jovem envolvido nesse tipo de situação pela primeira vez.

Então, para quem já se deparou ou ainda enfrentará momentos dessa natureza, é preciso ser forte e ter foco nos objetivos a alcançar. Trata-se de um desafio e de um investimento, para em seguida colher os resultados das conquistas obtidas durante a jornada estudantil no mundo acadêmico.

Portanto, no âmbito da conjuntura social analisada concernente aos alunos do CAVN, constatei a importância da família para a vida de todos eles, considerando a faixa etária na qual se encontram, majoritariamente inferior a 18 anos. Por outro lado, a saudade da família dificulta muito a permanência daqueles que nunca tiveram a experiência de conviver com pessoas externas ao ciclo doméstico. Esta foi uma das diversidades sociais e culturais encontradas durante a realização da pesquisa de campo.

Nesse sentido, foi preciso considerar esse fator nos encontros entre pesquisador e informantes. Num desses encontros, no período da manhã, dirigi-me para o alojamento pretendendo colher alguns detalhes para a minha pesquisa. Encontrei um aluno na porta de sua residência, aproximei-me, cumprimentei-o, expliquei o motivo da minha visita ao alojamento e ele respondeu que eu não me preocupasse, pois qualquer informação estaria ao meu alcance. Então, comecei perguntando se poderia entrar, ao que ele respondeu prontamente que sim.

Assim que eu entrei, passei a observar todos os detalhes e os fui registrando. Todas as perguntas foram respondidas com disposição e boa vontade. Quando indagado sobre como convivia com a saudade de casa, Rodrigo Silva Freitas (18 anos, aluno do 1º ano do curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio), de João Pessoa-PB, respondeu:

Assim que eu cheguei ligava bastante pra casa quase todos os dias, mas agora estou ligando mais pouco, de quinze em quinze dias. Quando estudava no 1º e 2º ano, viajava todo final de semana, mas agora que estou estagiando não estou indo mais com frequência. As dificuldades são várias, até psicológicas. Teve momentos que eu fiquei sem ter ninguém para conversar, não tem ninguém para me aconselhar devido às minhas atitudes, mas depois passou. Quem banca os meus estudos por aqui são os meus pais (informação verbal²¹).

²¹ FREITAS, Rodrigo Silva. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Rodrigo Silva Freitas sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 03; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

Muitos outros estudantes, quando inquiridos pela mesma pergunta, responderam de maneira semelhante.

Na entrevista com Ravelane Rayane Oliveira dos Santos (20 anos, aluna do 2º ano do curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA) de Matureia-PB, quando comecei a falar sobre o objetivo da minha entrevista, ela ficou um pouco envergonhada e ofereceu resistência para conversar comigo. Contudo, consegui convencê-la através de uma explicação sucinta, esclarecendo que só precisava de algumas informações na medida do possível para a minha pesquisa de campo e que ela não precisava ficar assustada. Assim, a informante ficou mais calma e respondeu todas as minhas indagações. O motivo maior do constrangimento dela foi a presença dos colegas presentes nas imediações. Segundo a informante,

Saudade de casa é um obstáculo muito grande para mim, porque eu nunca fui de sair de casa, e agora que tenho que conviver quase sozinha, por exemplo, como sou uma das pessoas do curso técnico que passa mais tempo aqui no colégio, porque eu moro muito longe, lá no sertão da Paraíba, seis horas de viagem para ir para minha casa, mas daria de ir e voltar. Mas o que acontece? Mas como sou uma pessoa que pega vários projetos, ao mesmo tempo candidatei para ser a voluntária. Outra coisa, devido a essa ocupação, estou indo para casa agora de seis em seis meses. Antes era de três em três meses. É muito ruim, porque eu tenho várias pessoas que eu gosto muito, como a minha mãe e o meu pai, que é tudo para mim. Assim como os meus irmãos. Mas tudo faz parte de um obstáculo que eu tenho que vencer e superar por toda a vida, até alcançar os meus objetivos. Isso é orgulho para a família (informação verbal²²).

Observando o posicionamento dos alunos nos momentos da entrevista, constatei que o fato de serem referência para a família é, para eles, motivo de confiança para enfrentar os obstáculos encontrados na caminhada. Isto os fortalece na luta por espaço dentro de uma sociedade composta por indivíduos portadores de indiferenças sociais e culturais. Alguns - ou muitos - podem fraquejar, mas esses dois informantes demonstram muita disposição para enfrentar tal desafio.

Isso foi muito relevante para mim, pois a coragem e a determinação de Ravelane Rayane Oliveira dos Santos, demonstradas nos momentos da entrevista, revelaram a sua força de vontade e entusiasmo para enfrentar os problemas presentes em sua vida escolar.

²² SANTOS, Ravelane Rayane Oliveira dos. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Ravelane Rayane Oliveira dos Santos sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 06; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

4.3 O distanciamento da família e dos amigos

O distanciamento dos familiares e amigos é uma fase de desvinculamento que pode ser concebida como desconstrução ou flexibilização de vínculos afetivos, permitindo avançar para outra etapa da vida, de maiores conquistas. Quando atrelado ao estudo, este distanciamento é norteado pela perspectiva de regressar para o seio familiar e se reintegrar aos amigos da comunidade, agora com o diferencial da formação.

Analisando o que ocorre hoje na sociedade moderna e relacionando este olhar com a dinâmica dos vínculos sociais dos estudantes do CAVN, constatei que sempre houve a “ruptura” com as famílias, especialmente com aquelas pessoas que, de alguma forma, estabeleceram vínculos importantes dentro da conjuntura familiar. De acordo com Hintz (2001, p. 11),

evidentemente, as famílias não se apresentam de forma tão clara em suas características. Não podemos deixar de considerar que o relacionamento humano é permeado de emoções, vontades, decisões que nem sempre são diretamente aceitas pelo outro. O indivíduo que pertence a um núcleo familiar possui uma vida intrapsíquica que lhe confere características individuais, que podem estar em desacordo com a maneira de ser de um outro membro de sua família. Justamente por existir a subjetividade é que o relacionamento humano torna-se tão rico e envolvente, conferindo ao sistema familiar características próprias.

As relações entre pais e filhos são muito mais fortes do que as estabelecidas com terceiros. Por conseguinte, são muito mais marcantes as “dores” e os impactos produzidos pela separação, nem sempre sendo fácil para os jovens estar distantes dos familiares. Hintz (2001, p. 09) aponta que

a instituição familiar tem passado por várias modificações decorrentes de mudanças havidas no seu contexto sociocultural e, por ser uma instituição flexível, ela tem se adaptado às mais diversas formas de influências, tanto sociais e culturais como psicológicas e biológicas, em diferentes épocas e lugares. Ao considerarmos a evolução da família no tempo, devemos considerar aspectos, tais como: demografia, vida privada, papéis familiares, relações estado-família, lugar, parentesco, transmissão de bens, ciclo vital da família e rituais de passagem.

No decorrer do processo de investigação com os jovens estudantes do CAVN, evidenciou-se que eles deixaram para trás os seus familiares e amigos mais próximos para se

dedicar aos estudos. Evidentemente, isto não é nada fácil para alguns jovens originários de outras cidades e Estados.

Desta feita, na tentativa de descobrir os meandros da vida dos estudantes que deixaram os seus familiares e amigos na cidade de origem, na entrevista com Ravelane Rayane Oliveira dos Santos (20 anos, aluna do 2º ano do curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA), de Matureia-PB, quando questionada acerca das estratégias de convivência com a saudade do lar distante e dos familiares, respondeu:

É muito tranquilo aqui. Posso até dizer que construí uma nova família aqui, porque aqui tem gente muito bacana, como, por exemplo, os amigos do alojamento têm vários amigos. Eu acho que quando for embora daqui, vai ser igual da mesma forma que eu cheguei aqui. Se lá eu abandonei as pessoas que eu mais gostava, e quando for embora daqui vou ter que abandonar também as pessoas que eu gosto muito. As principais dificuldades, como eu sou mulher, você precisa de uma amiga e nunca você vai ter uma igual à sua mãe, porque ela é a única pessoa que guarda os seus segredos, e uma pessoa que está sempre ao seu lado. Independentemente de que esteja certa ou errada, é a única que reclama contigo e você não fica com raiva dela, sempre está do seu lado. Tem mãe que não é uma mãe, ela é parceira, amiga, camarada, e é tudo. E a minha mãe é uma dessas mães. Por isso é um dos meus maiores obstáculos; às vezes você passa poucas e boas. Nesse caso, se você não tiver pessoas, aonde você vai se poder abrir mais a distância que eu estou? (informação verbal²³).

O posicionamento da informante demonstra que muitos alunos provenientes de cidades mais distantes que deixaram o lar para estudar no colégio passam por momentos difíceis ao se afastar dos familiares e amigos ao longo de processo de formação no CAVN.

Assim, dentre outros estudantes enquadrados na mesma categoria, todos compartilham as mesmas aflições por estarem longe de casa. A entrevista com Felipe Pereira Alves (21 anos, aluno do 1º ano do curso técnico em Aquicultura subsequente – pós-médio), de Emas-PB, endossou esta constatação ao ser inquirido pela mesma pergunta:

Através da convivência com os amigos me faz esquecer um pouquinho da saudade de casa, mas a saudade de casa é grande. Eu quero estar todos os dias em casa, mas, de vez em quando, eu ligo para matar a saudade um pouquinho. É bom estar ao lado da família, de dormir na minha (informação verbal²⁴).

²³ SANTOS, Ravelane Rayane Oliveira dos. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Ravelane Rayane Oliveira dos Santos sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 07; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

²⁴ ALVES, Felipe Pereira. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Felipe Pereira Alves sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

O informante Rodrigo Silva Freitas (18 anos, aluno do 1º ano do curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio), de João Pessoa-PB, seguiu o mesmo viés:

Assim que eu chegava ligava bastante pra casa quase todos os dias, mas agora estou ligando mais pouco, de quinze em quinze dias. Quando estudava no 1º e 2º ano viajava todo final de semana, mas agora que estou estagiando não estou indo mais com frequência (informação verbal²⁵).

As implicações desse distanciamento da família, dos amigos e das demais pessoas que ficaram nas cidades de origem dos jovens refletem-se no dia-a-dia do CAVN. Este fato corrobora o posicionamento de Goffman (1988, p. 63), ao afirmar que,

[...] a despeito dessas provas de crenças diárias, o estigma e a familiaridade, deve-se continuar a ver que a familiaridade não reduz necessariamente o menosprezo. No caso das pessoas normais que vivem próximo de colônias constituídas de grupos. Mas, o importante aqui, entretanto, é ver que as várias consequências de uma ordenação completa de suposições virtuais sobre um indivíduo podem estar nitidamente presentes em nosso trato com pessoas com as quais mantivemos uma relação duradoura, íntima e exclusiva.

No cotidiano dos estudantes, eles mantinham uma relação de convivência muito efetiva com os colegas de classe. Em um relacionamento dessa ordem, os informantes demonstraram experimentar sentimentos compartilhados, havendo a solidarização mútua nos momentos difíceis para superar as atribulações vivenciadas no colégio.

4.4 Momentos de superação e o enfrentamento de novos desafios acadêmicos

Os momentos de superação e enfrentamento dos novos desafios acadêmicos apresentados aos estudantes do CAVN, na maioria das vezes, concentram-se nos primeiros dias das semanas iniciais. Neste contexto, conforme revelado pelas interações com os informantes no decorrer da pesquisa de campo, a maior parte dos alunos oriundos de outras cidades e Estados passam por dificuldades para se adaptar à nova rotina.

Porém, os estudantes que já são da cidade não enfrentam as mesmas atribulações, a exemplo de estranhar o colégio, pois tinham alguma forma de contato com a instituição desde criança. A possível dificuldade, nesse caso, diz respeito ao relacionamento interpessoal com

²⁵ FREITAS, Rodrigo Silva. *Entrevista semiestruturada*. Transcrição da entrevista de Rodrigo Silva Freitas sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 03; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

desconhecidos nos primeiros dias das semanas iniciais. Tal situação corresponde à lógica do cotidiano atual. Como argumenta Ferreira (2011, p. 06),

[...] não obstante todo desenvolvimento empreendido pelo homem no decorrer da história, muitos hão de concordar quando dizemos: a vida do ser humano nos limites da sociedade atual não passa sem que a maioria dos indivíduos enfrente grandes dificuldades para sobreviver. Este se tornou um ponto até banal nas conversas dos cidadãos ordinários. Pelas ruas, nos bares, nas reuniões de amigos, no colégio, enfim, nos dias atuais, onde houver um grupo de homens reunido este tópico pode, facilmente, render muitos comentários e depoimentos relatando situações particulares que confirmam o fato de que a existência no registro da sociedade atual, na maioria dos casos, não se dá de maneira tranquila. Isto, principalmente, porque apropriar-se dos meios para satisfazer as necessidades mais básicas não tem sido tarefa fácil para estes indivíduos.

A distância de familiares e amigos se une ao desafio de enfrentar os novos desafios acadêmicos relacionados à carga horária das matérias. Conforme demonstrou a trajetória da pesquisa de campo dentro da unidade acadêmica do CAVN, foi um tanto quanto complicado conseguir entrevistar os estudantes. Até mesmo o procedimento da entrevista em si foi complexo, pois era algo inédito para mim. Inicialmente, ao realizar o procedimento, houve ocasiões em que eu ficava mais nervoso do que o informante. Mas, na sequência das entrevistas, consegui superar essa dificuldade, até que as interações passaram a acontecer como um “simples” diálogo.

Após iniciado o percurso de obter as informações consideradas necessárias para o trabalho da pesquisa, às 16 h.00 min. encontrei com Antônio Josiberg Bezerra (22 anos, aluno do 1º ano do curso técnico em Aquicultura subsequente – pós-médio), de São Sebastião de Umbuzeiro-PE, dirigindo-se para o alojamento depois da aula acompanhado pelo seu colega de quarto. Ambos conversavam. Abordei-os para falar sobre a minha proposta de entrevista com eles. Em seguida, marcamos um encontro no turno da noite, em suas residências, para realizar o procedimento. Finalmente, lá chegando, constatei que eles moravam juntos no mesmo quarto, e também com mais três pessoas de outros cursos.

Isto me trouxe a oportunidade de poder entrevistar as outras pessoas na mesma noite. Outra constatação concernente às minhas observações como pesquisador foi que, no decorrer das entrevistas, algumas garotas tiveram acesso ao alojamento masculino e vice-versa, configurando uma infração clara ao regimento do colégio. Havia ainda outro grupo de jovens consumindo bebidas alcoólicas e ouvindo música próximo ao local onde estávamos.

No momento da entrevista, ao ser questionado sobre como foram os primeiros dias e as primeiras semanas no CAVN, Antônio Josiberg Bezerra informou:

Os meus primeiros dias de semana no colégio foi um pouco complicado, porque vim de uma região quente. Quando cheguei aqui no colégio, no momento estava muito frio, então estranhei um pouco. Para me adaptar era difícil nos primeiros dias. Eu pensei até em desistir do curso por questão do frio, mas fui resistindo e consegui superar. E outra coisa é a alimentação também. Em casa é uma coisa. Quando a gente chega na escola, é totalmente diferente. Mas foi tranquilo. O ruim já passou, só nos primeiros cinco dias (informação verbal²⁶).

Foi perceptível o maior grau de dificuldade enfrentado pelos jovens provenientes de cidades distantes nos primeiros dias após o ingresso no colégio. O sofrimento deles é maior nesse momento, se comparados aos estudantes vindos das imediações da instituição, que tendem a se adaptar mais rapidamente.

Outro elemento relevante para o caso dos alunos de outras cidades foi revelado na entrevista de Maria José Rodrigues da Silva (21 anos, aluna do 2º ano do curso técnico em Agropecuária pelo PROEJA), de Riachão-PB. Discorrendo sobre as dificuldades de adaptação, a aluna comentou: “Nos primeiros dias foram muito difícil mesmo, todo mundo, né, fica naquela, sem conhecer praticamente ninguém. Morar com quatro pessoas diferentes dentro de um quarto. Realmente, é difícil de conviver” (informação verbal²⁷).

Em todos os momentos de convivência e de entrevista com os jovens no decurso do processo de observação, percebi existir um grau de complexidade ao superar os períodos de impacto diante das novas realidades acadêmicas. Esse fator também pode ser considerado um choque cultural, refletindo-se nas diversidades dos indivíduos pertencentes à mesma cultura.

De maneira geral, com base nas entrevistas dos jovens estudantes, despontou o fato de que, durante esses momentos de formação em um curso técnico profissionalizante, o foco maior é a conquista de um sonho. Em nome da realização pessoal e profissional, as vicissitudes vivenciadas no CAVN são superadas com a força de vontade.

²⁶ BEZERRA, Antônio Josiberg. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Antônio Josiberg Bezerra sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 02; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

²⁷ SILVA, Maria José Rodrigues. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Maria José Rodrigues da Silva sobre sua experiência como aluna do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 02; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

Desse modo, de acordo com os dados coletados na pesquisa de campo, constatei que 40% dos alunos entrevistados não relataram ter vivenciado maiores dificuldades nos primeiros dias das semanas iniciais de adaptação ao novo ambiente do colégio.

Contudo, 60% dos informantes revelaram ter passado por atribulações de diversas ordens nos primeiros momentos de adaptação a este espaço, sobretudo porque alguns nunca haviam deixado o lar para enfrentar uma experiência da magnitude de deixar os pais e ingressar em um novo estilo de vida, em meio a pessoas desconhecidas. Considero ser complicado para os jovens se depararem com esse tipo de situação.

No período da manhã, dirigi-me ao alojamento dos informantes, buscando obter dados relevantes para a minha pesquisa de campo. Na ocasião, encontrei Rodrigo Silva Freitas (18 anos, aluno do 1º ano do curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio), de João Pessoa-PB, na porta de sua residência. Aproximei-me, cumprimentei-o, expliquei o motivo da minha visita ao alojamento e ele se prontificou a colaborar.

Após ter sido convidado a entrar, passei a observar e registrar os detalhes que julguei interessantes. O informante se mostrou bastante solícito em responder as minhas perguntas. Inquirido sobre como foi o período de adaptação ao CAVN, ele respondeu:

Os meus primeiros dias e semanas, como eram momentos de adaptação, não foi muito legal. Cheguei no colégio com 14 anos de idade; nunca tive experiência de conviver fora de casa desse tipo. Nunca saí perto dos pais. Pra mim, aqui é outro mundo. Foi muito difícil (informação verbal²⁸).

De um modo geral, uma grande parcela dos alunos, especialmente os de outras cidades, demonstra praticamente o mesmo grau de dificuldade devido ao impacto dos primeiros momentos de adaptação. Trata-se de uma superação vencer essa primeira vicissitude. Certos alunos abandonam o curso por não conseguir se adequar ao espaço, além dos problemas de relacionamento com pessoas desconhecidas. Certamente, esses aspectos, de alguma forma, influenciam a evasão escolar. Alguns jovens não têm o hábito de lidar e superar grandes tensões e mudanças rápidas, perturbando a estabilidade emocional daqueles que não estavam preparados para vivenciar profundas transformações em seu cotidiano.

²⁸ FREITAS, Rodrigo Silva. *Entrevista semiestruturada*. Transcrição da entrevista de Rodrigo Silva Freitas sobre sua experiência como aluno do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a José Nhaga.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro que segui nesta dissertação tende a pôr em evidência as formas de sociabilidade estabelecidas entre os alunos do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, em Bananeiras, com destaque para os conflitos e as estratégias de adaptação. Como vimos, as origens geográficas e as características culturais distintas entre os indivíduos, a exemplo daqueles oriundos das zonas rural e urbana, contribuem para a (re) produção de diferenças que encontram no CAVN novo cenário de manifestação.

Procurei mostrar que, tanto no Brasil como em outros países, há diferenças culturais e socioeconômicas entre as pessoas, as quais igualmente se fizeram sentir nas relações estabelecidas pelos estudantes da instituição durante a sua permanência no curso técnico. A partir dessas múltiplas variáveis, tais como: aspecto socioeconômico, cultura, origem geográfica, etc., busquei estudar os conflitos, as adaptações e rejeições desses estudantes. Como cientista social e ex-aluno do CAVN, não pude deixar de notar as muitas dificuldades enfrentadas pelos estudantes nessa fase da vida, tão rica em desafios.

Com efeito, a pesquisa comprovou a multiplicidade de caminhos e estratégias utilizadas pelos alunos. Constatei que alguns desistiam do curso ainda durante os primeiros meses por vários motivos, como ter conseguido um emprego, ter sido aprovado no vestibular ou não ter se adaptado ao clima frio da cidade de Bananeiras. Estes foram alguns dos casos encontrados durante a pesquisa etnográfica na referida instituição de ensino.

Ao longo da etapa de campo, despontaram diferenças nos níveis socioeconômico, social e cultural, especificamente quando se comparam as zonas urbana e rural. Portanto, mediante a amostra, os jovens oriundos do meio urbano se apresentam mais favorecidos do ponto de vista socioeconômico, tecnológico e cultural, enquanto aqueles provenientes do meio rural são estigmatizados por alguns alunos, como se pertencessem a um “nível inferior”.

Por conseguinte, este último grupo é integrado por pessoas afetadas por um constrangimento social causado pela origem geográfica. O estilo de vida de muitos alunos do meio rural, mais recatado em relação àquele dos estudantes de origem urbana, é tido por estes como fator relevante nesse processo de classificação.

Logo, para finalizar as observações levantadas durante o processo da pesquisa de campo, em geral, os confrontos entre os meios urbano e rural estão fortemente presentes no cotidiano do CAVN e permanecem por conta do *status* social de cada indivíduo e também dos grupos formados na dinâmica de convívio do colégio.

Nas primeiras abordagens etnográficas, tive o privilégio de conhecer melhor o campo da pesquisa, até por ter estudado na mesma instituição, tendo feito parte do CAVN entre os anos de 2006-2011. Este fato certamente facilitou a abordagem dos jovens estudantes para marcar as entrevistas, pois alguns deles já haviam me visto transitando pelo colégio. Ao mesmo tempo, a pesquisa igualmente me permitiu olhar o CAVN com outros olhos.

Em decorrência da minha presença em campo, fiz amizade com vários alunos, a qual perdurou mesmo após a conclusão da pesquisa. Houve situações nas quais certos informantes me apresentavam colegas para entrevistar, evidenciando que, além de ser reconhecido enquanto pesquisador, houve identificação por parte dos informantes devido a algumas particularidades em comum, que favoreceram o bom relacionamento no âmbito do universo de investigação.

Considero a minha pesquisa de extrema importância, em termos da riqueza das informações fornecidas sobre as vidas e experiências no colégio durante o período de formação dos alunos do CAVN às quais tive acesso.

Em outros momentos, ao ver e ouvir as pessoas durante as entrevistas, a cada dia que passava, a minha maturidade como pesquisador só aumentava. A forma de posicionar as perguntas, feitas com mais segurança, sem tremer a voz, foi indicativa desse progresso. No início, eu ficava mais nervoso; porém, depois de tanto repetir as mesmas perguntas, a cada nova entrevista realizada passei a ter mais segurança, aprimorando meu desempenho junto ao informante.

Espero ter contribuído com o campo investigativo das Ciências Sociais através das discussões apresentadas acerca das interações sociais no CAVN, com suas regras, paisagens e a descoberta de um “novo mundo” acadêmico, repleto de desafios vivenciados cotidianamente pelos alunos desta instituição.

Desta forma, como forma de retribuir a gentileza dos funcionários e professores para comigo, os quais, de forma amigável, encaminharam-me até os alunos nas salas de aula, facilitando o meu acesso a eles através de informações sobre a minha pesquisa, o momento é de reconhecer a importância desta colaboração, bem como do trabalho por mim realizado, capaz de contribuir para a instituição de maneira efetiva.

Para extrapolar a esfera da discussão, espero que este trabalho também seja questionado, para que, a partir da réplica, os horizontes traçados para a elaboração desta dissertação possam ser acrescidos de informações relevantes, ampliando, assim, o seu alcance. Que outras reflexões possam surgir. As interpretações e reflexões ora apresentadas restringem-se ao âmbito das minhas atuais possibilidades, iniciadas desde o momento dos

meus primeiros passos na trajetória acadêmica. Para mim, a realização desse trabalho foi como vencer qualquer obstáculo da vida social, em qualquer área de formação.

Espero ter colaborado para o debate sobre esta temática e que outros pesquisadores possam ter a oportunidade de partilhar, discordar, problematizar e até questionar, desde que procurem discutir as realidades e versões dos alunos do CAVN. Penso que as constatações às quais se chegaria provavelmente não seriam muito diferentes de tudo o que foi vivenciado por esses estudantes no seu cotidiano e testemunhado por mim.

Por fim, espero que outras pesquisas possam surgir a partir das lacunas ou das fragilidades apresentadas ao longo desta escrita, possibilitando, assim, o desenvolvimento de novos estudos. Não se tem aqui um ponto final, mas uma abertura para novas perguntas, novas respostas e outras discussões.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventude: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC, SEC/UNESCO, 2007.

ALVES, Ubiratan Silva. **Lazer e saúde: discussões sob a ótica da Educação Física**. 2014. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd189/lazer-e-saude-sob-a-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

BERGER, Peter L. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. Precedido de três estudos de etnologia Kabila. Oeiras: Celta, 1972.

_____. O camponês e seu corpo. In: **Revista de Sociologia e Política**, n. 26. p. 83-92, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

BRASIL. **Programa Escola Aberta**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2007. Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/escola_aberta/secretarias_participantes_escola_aberta.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2014.

BRESCIANI, Fernando R. **Perspectiva de futuro de jovens e o papel da escola**. 2010. 1107f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Johson. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Os alemães: a luta de poder e a evolução do *habitus* no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, juventudes; pelos outros e por elas mesmas**. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventude: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC, SEC/UNESCO, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HINTZ, Helena Centeno. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. 2001. Disponível em:

<http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1363010551_hintz_novos_tempos_novas_fam%C3%ADias_-_complementar_8_abril.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2014.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Vitctor Civita, 1984.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, v. 25, n. 1, 1990. p. 139-165.

RODOLPHO, Adriane. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Revista de Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2. p. 138-146, 2004. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4402_2004/et2004-2arodolpho.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2014.

ROSA, Sabrina. **Sobre os conceitos de campo, capital e *habitus* em Pierre Bourdieu**. 2010. Disponível em: <http://codigosdeacesso.blogspot.com.br/2010/08/sobre-os-conceitos-de-campo-capital-e_14.html>. Acesso em: 12 mar. 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SILVA, Manoel Luiz. **Reminiscências de patronato a colégio agrícola: 80 anos de história.** João Pessoa: Editora Universitária João Pessoa, 2004.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, v. 11, n. 2, out. 2005. p. 577-591.

_____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otavio Guilherme. **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – PPGCS

PROJETO DE PESQUISA**Pesquisa social sobre estudantes do CAVN**

1. IDADE _____
- 1.2 Gênero: () Masculino () Feminino
- 1.3 Município/Cidade? _____ Estado? _____
- 1.4 Situação Geográfica: () Zona Urbana () Zona Rural
2. Cidade em que você nasceu? _____
3. Que curso que você faz? _____
 Agroindústria integrada ao Ensino Médio
 Agropecuária integrada ao Ensino Médio
 Agropecuária subsequente (pós-médio)
 Agroindústria subsequente (pós-médio)
 Aquicultura subsequente (pós-médio)
 Agropecuária na modalidade PROEJA
4. Que ano você cursa? _____
5. Você entrou no curso como aluno de qual regime?
 Interno () Externo () Semi-Interno
6. Como você ficou sabendo da existência do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN? _____
7. Por que você escolheu o Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN? _____
8. Como foram os primeiros dias e as primeiras semanas no CAVN?
 - No câmpus com alunos? _____
 - Com as pessoas? _____
 - Com colegas da turma? _____
 - Com professores e funcionários? _____
9. O que mais lhe chamou à atenção quando chegou ao colégio (o que mais você estranhou)? _____
10. Por quê? _____

11. O que você faz no dia-a-dia no colégio?
- pela manhã, quem prepara o seu café? _____
- a que horas começam as suas aulas? _____
- na hora do almoço, onde você come? _____
- com quem você almoça? _____
- antes da aula da tarde começar, o que você faz? _____
- com quem você fica? _____
12. Onde você janta? _____
- com quem você janta? _____
13. Depois do jantar, o que você faz? _____
14. Nos finais de semana, o que você faz no sábado/domingo? _____
15. Como é que você convive com a saudade de casa? _____
16. Quais são as principais dificuldades que você encontra no colégio (estando distante de casa)? _____
17. Qual é a profissão dos seus pais? _____
18. Em que cidade reside atualmente? _____